

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ODILON MENDONÇA DE OLIVEIRA JUNIOR



VITÓRIA
2016

ODILON MENDONÇA DE OLIVEIRA JUNIOR



O NEOPENTECOSTALISMO E SEUS SÍMBOLOS: CASO IURD

Trabalho final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências das Religiões. Faculdade Unida
de Vitória Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Religião e Esfera
Pública

Orientador: Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante

VITÓRIA

2016

Oliveira Junior, Odilon Mendonça de
O Neopentecostalismo e seus símbolos / Caso IURD / Odilon
Mendonça de Oliveira Junior. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de
Vitória, 2016.

vi, 89 f.; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2016.

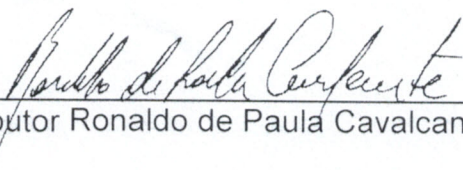
Referências bibliográficas: f. 82-89

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública.
3. Neopentecostalismo. 4. Mercado. 5. Bem e mal. 6. Entidade. 7. Símbolo.
8. IURD. - Tese. I. Odilon Mendonça de Oliveira Junior. II. Faculdade Unida de Vitória, 2016. III. Título.

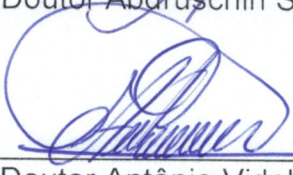
ODILON MENDONÇA DE OLIVEIRA JUNIOR

O NEOPENTECOSTALISMO E SEUS SÍMBOLOS: CASO IURD

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.


Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA (presidente)


Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA


Doutor Antônio Vidal Nunes – UNIDA

RESUMO

A origem do povo brasileiro pode ser traçada, didaticamente apenas, em três vias principais: os povos indígenas que aqui já estavam, que possuíam uma religião difusa, não sistemática, de caráter animista; os povos africanos para aqui trazidos como mão de obra escrava, cuja religião era de caráter animista, com rituais mais elaborados e sacrifícios rituais e os povos europeus como povos dominantes, em sua maioria cristãos católicos. Tal raiz deu surgimento à uma teodiceia dualística comum à maioria do brasileiro médio, considerando todas estas formas religiosas como válidas desde que domesticadas pela linguagem do dominador e na ótica da dominação: a religião do dominador corresponde à religião do bem e a religião do dominado à religião do mal. A religião se desenvolve dentro do escopo social, na vida em sociedade e da vida em sociedade. Se apropriando do universo cosmológico da religiosidade geral brasileira e das demandas naturais do capitalismo e dos fluxos de mercado, o neopentecostalismo, em especial o caso IURD, não tem um conteúdo teórico próprio, nem mesmo de origem na mentalidade religiosa do brasileiro comum. Segue à um fluxo fluído de crenças, utilizando de seus símbolos como meio de comunicação de conteúdo, embora tudo seja traduzido em linguagem cristã, que se sobrepõe como cultura dominante. Deus se torna um símbolo do bem, ou daquela força transcendente que pode propiciar o bem ao crente, desde que acionado por mecanismos próprios, na lógica da sociedade de mercado e o diabo o símbolo do mal sob o mesmo ponto de vista. Enfim, tudo é traduzido na linguagem religiosa própria da IURD, numa separação simples entre Deus, que é o nosso, que é o bem e o outro, que é o deles, que é o mal. Esta pesquisa usa como referencial teórico a fenomenologia de Edmund Husserl, tendo também em vista as contribuições da semiótica de Charles Sanders Peirce.

Palavras-chave: neopentecostalismo; mercado; bem; mal; entidade; símbolo.

ABSTRACT

The origin of the Brazilian people can be traced, didactically only, in three main ways: the indigenous people, who were already here, they had a diffuse religion, unsystematic, of animistic character; African people, brought here as slave labor, whose religion was of animistic character, with more elaborate rituals and ritual sacrifices, and peoples of Europe as dominant people, mostly Catholic Christians. This root gave rise to a common dualistic theodicy the majority of the average Brazilian, considering all these religious forms as valid since domesticated by the dominant language and in the perspective of domination: the dominant religion corresponds to the religion of good and religion dominated the evil religion. Religion develops within the social scope, in society and life in society. Appropriating the cosmological universe of Brazilian general religiosity and natural demands of capitalism and market flows, neo-Pentecostalism, particularly the IURD case, does not have an own theoretical content, even of origin in the religious mentality of the average Brazilian. Follow to a fluid flow beliefs, using their symbols as a means of communication content, although it is translated into Christian language, which overlies the dominant culture. God becomes a symbol of good, or that transcendent force that can provide good to the believer, since triggered by its own mechanisms, in the logic of the market society and the devil symbol of evil under the same point of view. Anyway, everything is translated in their own religious language of the IURD, a simple separation of God, which is the ours, what is good and the other, which is theirs, that is evil. This research uses as theoretical reference the phenomenology of Edmund Husserl, also having in view the contributions of Charles Sanders Peirce.

Faculdade Unida de Vitória

Keywords: neopentecostalism; marketplace; good; bad; entity; symbol.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 NEOPENTECOSTALISMO: ORIGENS E ABRANGÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA	10
1.1 O Povo Brasileiro: Origens, Identidade e Religiosidade	10
1.2 A teodiceia dualística no neopentecostalismo: origens e abrangências no povo brasileiro.....	21
1.2.1 O Problema da Teodiceia.....	24
1.2.2 A Teodiceia Dualista.....	27
1.2.3 A Alma da Religiosidade Brasileira	31
2 A SOCIEDADE DE MERCADO E O BEM NA IURD	34
2.1 Protestantismo, Estado E Sociedade Capitalista.....	35
2.1.1 Protestantismo, Ideologia e Teologia da Prosperidade	39
2.1.2 O bem como símbolo	44
2.2 O mal como símbolo.....	47
2.2.1 A apropriação de divindades afros	50
3 OS SÍMBOLOS NO NEOPENTECOSTALISMO: CASO IURD	57
3.1 O dinheiro	62
3.2 Símbolos Cristãos	65
3.2.1 A linguagem	65
3.2.2 A água	66
3.2.3 A cruz	69
3.2.4 O óleo.....	70
3.3 Símbolos judaicos	72
3.4 Símbolos das religiões afros	73
3.4.1 Os dias fortes	74
3.4.2 Flores	75
3.4.3 Descarrego.....	76
3.4.4 Sacerdotes	78
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	82

INTRODUÇÃO

A multiplural cultura brasileira tem origem variadíssima, compreendendo forças provindas de pelo menos três direções diferentes: de um lado os povos europeus, majoritariamente portugueses, que aqui desembarcaram geralmente na esperança de fazer fortuna fácil e rapidamente e, se possível, retornarem as suas terras de origem. Tais povos se apropriaram de todo o território pelo uso da força e sob ótica de dominação impuseram sua cultura como hegemônica em todo o país. De outro lado os povos indígenas que aqui já habitavam e que possuíam culturas variadíssimas e religiosidades difusas e não sistemáticas que permeavam todas as suas cosmovisões. Por fim (em termos didáticos aqui colocado) os povos de origem africana, que para cá foram trazidos mediante o uso da força e que tiveram todo seu poder de configuração como povos de culturas próprias a eles grandemente negados, embora não totalmente e cuja pujança cultural e religiosa ainda hoje são francamente verificados na sociedade brasileira. Tais culturas deram origem a uma variedade enorme de fenômenos religiosos e a expressões culturais as mais diversas que encontram lugar na mentalidade da maior parcela da população, sempre sob a ótica da dominação da etnia hegemônica, embora não majoritária.

No Brasil a forte tendência à espiritualização da vida, à compreensão de que todos os elementos da existência se encontram, para o brasileiro médio, ou seja, para a maior parcela da população, de alguma forma, controlado por forças ou potestades superiores, tem origens variadíssimas e complexas, farto campo de estudos para as ciências sociais. Esse todo ambíguo, polivalente, contraditório, complementar etc., tal como uma teia nos reveste em forças de afirmação e negação. O contraditório e o ambíguo aqui encontram lugar no mesmo espaço, enriquecendo o espectro social de complexidade ímpar. A religião, como produto do constructo social e a este pertencente de maneira indissolúvel, pode ser um dos elementos de estudo para compreensão de fenômenos a este atinentes.

O presente trabalho tratará de um fenômeno brasileiro recorrentemente estudado: o neopentecostalismo. A razão de estudo deste fenômeno talvez tenha muito a ver com seu surgimento recente e sua (re) adaptação de todos os elementos culturais próximos a ela como meio de proselitismo, o que, em estudando o neopentecostalismo, propicia um estudo geral da sociedade-cultura brasileiras, de sua visão religiosa dissolvida e difundida entre a sociedade civil. Vale ressaltar as

limitações de tal estudo. A sociedade brasileira é muito complexa e o país de proporções continentais, o que impede que aqui se desenvolva uma cultura mais ou menos homogênea, mas sim culturas. No entanto, resguardadas as devidas limitações e proporções, pode ser de grande valia para o estudante de ciências sociais na sua tentativa de compreender melhor o universo cultural que o cerca.

Obviamente que a religiosidade é um fenômeno mais percebido que explicado, razão pela qual tudo o que a cerca é simbólico, seja a linguagem, sejam os rituais e os objetos, que valem como portadores de conteúdo de maior valor, em muitos casos, que qualquer comunicação dogmático-teórica (que também seria simbólica). O neopentecostalismo parece entender isto, razão pela qual neste os símbolos borbulham em grandes quantidades e das mais variadas origens religiosas, obviamente, domesticadas às necessidades de sua prática comum.

O objetivo do presente trabalho é compreender o neopentecostalismo, usando como recorte a Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, que é um dos pontos culminantes dos processos mencionados acima e, por conseguinte, meio de se estudar a sociedade brasileira de forma ampla, ressaltadas as limitações já mencionadas. O estudo dos (alguns) símbolos está embutido no trabalho pelos motivos citados anteriormente, ou seja, a necessidade do uso da linguagem simbólica como meio de expressão religiosa, tendo como pressuposto a semiótica de Sanders Pierce¹. Para tal estudo a fenomenologia de Edmund Husserl parece ser uma das abordagens mais eficazes e, portanto, o referencial teórico do presente trabalho².

Inicia-se a primeira sessão tratando da mentalidade religiosa brasileira, de sua formação ou formações, origem ou origens e de como todos estes elementos vêm contribuir na formação de um constructo social enormemente heterogêneo, mas com algumas características próprias que podem ser verificadas. Obviamente que há, neste estudo, muitas generalizações, o que limita análises mais profundas e uma compreensão mais sólida das complexidades regionais, locais, de grupos, famílias etc. Mas sem tal generalização o estudo nos níveis aqui propostos seria impossível. Valem, pois, como aproximação didática do objeto de estudo.

¹CF. SALATIEL, José Renato. *Pierce, Charles Sanders*. Leis da Natureza. São Paulo: Trilhas filosóficas: Ano III, número 2, jul-dez, 2010, p. 133-146.

² CF. HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: 70, 2000, p. 39-66.

Trata-se, a seguir, de como a sociedade capitalista e da mentalidade de mercado, são essenciais na formação da cosmovisão da nova religiosidade brasileira. Na sociedade capitalista o acesso aos bens de consumo tem finalidades variadas. Uma das finalidades é o bem de consumo por ele mesmo, ou seja, a funcionalidade do bem na produção de conforto pessoal. No entanto, tal finalidade talvez não seja a mais importante em muitos dos casos. Os produtos determinam a compreensão que de si faz o sujeito, a autoestima, e a compreensão que deste tem os outros, ou seja, o status social, fator de não pequena importância em uma sociedade estratificada. O bem é também simbólico. O mal é, pois, a antítese disto; preponderante para a compreensão do bem pelo seu antagonismo.

Finaliza-se por analisar os símbolos que são usados nos novos pentecostalismos, em especial na IURD, com a finalidade de comunicar sua mensagem, fazendo prosélitos entre todas as esferas sociais. Os símbolos são, pois, a alma desta religiosidade, sua estrutura mais intrínseca. E compreendê-los, ainda que minimamente como neste trabalho, é compreender a própria manifestação religiosa em questão.

1 NEOPENTECOSTALISMO: ORIGENS E ABRANGÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O neopentecostalismo brasileiro necessariamente se tornou fenômeno complexo, campo de variados estudos pelas ciências sociais em virtude de seu enorme crescimento à partir de meados do Século passado. Isto se deve principalmente à forte contextualização desta vertente pentecostal na sociedade brasileira, abraçando todo o espectro da religiosidade do brasileiro médio. Tal expressão, brasileiro médio ou religiosidade média, é aqui empregada simplesmente designando a maior parcela da população brasileira considerada. Não se trata de uma classificação ou segregação de determinada parte da sociedade, mas uma generalização da maior parcela da população brasileira ou na maior parte da expressão religiosa no Brasil. É claro que ao tratar-se de povo brasileiro ou de religiosidade brasileira as limitações são exageradas e desproporcionais em vista da vastidão territorial do país e das variações culturais enormes mesmo em lugares próximos, ainda mais nos distantes, de forma geral. No entanto, vale como primeira aproximação além de se considerar alguns elementos mais comuns que com outros povos. Portanto, para se entender o neopentecostalismo, é necessário se compreender o povo brasileiro, suas origens, suas relações e associações e, obviamente como parte de sua cultura, sua religiosidade, incluindo nesta seu sincretismo incompleto, sua tendência à uma compreensão dual do mundo, sua fácil aceitação de elementos religiosos provindos de origens diversas, desde que domesticados pela linguagem cristã.

1.1 O Povo Brasileiro: Origens, Identidade e Religiosidade

Situamo-nos em uma confraria de povos de mesclagem recente e sem vínculos genealógicos mais profundos. De um lado, os portugueses, majoritariamente masculino dos quais alguns criminosos condenados na Europa outros, em sua maioria, aventureiros sem pouso certo aqui desembarcaram na esperança de fazer fortuna. De outro lado os indígenas, já aqui residentes, que se viram, de repente, condenados a suportar o que de mais feroz a Europa tinha a oferecer em terras brasileiras e que, em virtude da subjugação e extermínio da maioria masculina, oferecem forçosamente uma contribuição majoritariamente

feminina na formação do povo brasileiro. E, por último, povos de origem africana que aqui desembarcaram. Tais povos, na maioria composta de homens, vinham para o Brasil forçados, macerados, violentados para aqui oferecerem mão de obra escrava na construção da urbanidade brasileira ou na produção agrícola. Sempre vinham também, entre os mesmos, algumas poucas mulheres para a escravidão sexual.

Os filhos que eram gerados em razão destas condições não tinham identidade própria, pois o filho do homem branco com a indígena não é considerado branco pelos europeus, nem indígena pelos índios, visto que os *brasilíndios* compreendiam a mulher como uma bolsa onde o homem depositava sua semente, de maneira que o filho era do pai, não diretamente da mãe. Da mesma maneira, os filhos gerados pela escrava negra não eram considerados brancos pelos europeus, nem africanos pelos negros. De tal maneira que Darcy Ribeiro os define como a *ninguendade* que doravante se configurará como brasileiros³. É dessa confraria de povos que aqui se miscigenaram, sem origem definida, sem identidade, que surge o povo brasileiro, hoje ainda se configurando como um povo em busca de identidade própria.

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida. Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas europeias transportadas ao Novo Mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo.⁴

A princípio se buscou com todo empenho a escravização desta mão de obra. No entanto, os povos indígenas existentes no Brasil não possuíam nenhuma ideia de acúmulo de riqueza e de escravidão, além de conhecerem amplamente o terreno, o que facilitava as fugas. Por não possuírem ideia de acúmulo de riqueza, os povos indígenas foram tachados de preguiçosos e indolentes, inaptos para o trabalho aos moldes europeus. Escasseando essa mão de obra, viu-se a obrigatoriedade, para manutenção da dominação, de busca de escravos africanos.

Tais pessoas eram retiradas forçosamente de suas tribos na África pelos europeus que trabalhavam no tráfico negreiro. De sua terra natal sequestrados, eram transportados aos milhares acorrentados até o porto mais próximo e de lá

³CF.RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d., p. 109.

⁴HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O homem cordial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 40.

embarcados em navios negreiros em terríveis condições de higiene, sem nenhuma humanidade, empilhados aos milhares em porões insalubres de caravelas. Nestas horríveis condições milhares não suportavam a travessia. Os que morriam eram lançados ao mar sem nenhum ritual de dignidade. Quem aqui desembarcava era vendido em mercados como qualquer animal ou mercadoria e transportados até seu local de trabalho, onde era marcado a ferro em brasa e destinado ao árduo trabalho, geralmente em lavouras de cana de açúcar ou mineração. Nenhuma consideração como humanos lhes era destinada.

Vale ressaltar as limitações da chamada “teoria das três raças”, visto que a realidade da formação do Brasil é bem mais extensa que a possibilidade de abarcamento dentro do escopo da referida teoria. Os povos europeus que desembarcaram no Brasil são de origem extremamente diversa, embora a parte majoritária fosse portuguesa, especialmente nos primeiros séculos da colonização. Os povos africanos também vinham de origens diversas, com uma variedade de culturas completamente diferentes, embora poucos elementos em comum sejam percebidos. O mesmo se pode dizer dos povos indígenas aqui residentes, sua variedade é tão ampla que se pode duvidar da possibilidade de considerá-los de forma única. Além dos fatores já mencionados, a formação do Brasil se reveste de uma complexidade heterogênea difícil de ser abarcada em um estudo deste nível. “Evidentemente, o Brasil é um país multicultural e, como tal, não possui uma, mas várias culturas, realidade essa decorrente de um processo histórico ainda em permanente movimento”⁵. No entanto, vale como método didático de primeira aproximação, entendendo que tais povos tiveram um grande interfluxo cambiável de influências culturais. É, pois, nesta limitação que se usa no presente trabalho a linguagem de etnias em três vias que deram origem ao Brasil como o conhecemos hoje: como método didático.

A primeira forma de colonização dos povos brasileiros e de expropriação da riqueza brasileira pelos povos europeus foi denominada de cunhadismo.⁶ Trata-se de um arranjo conveniente para os europeus dentro da cultura indígena, que considera o casamento um *aparentamento*. Portanto, para os indígenas, convinha

⁵ PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicatos de Mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Assis: 2006. Tese: Departamento de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, p. 45.

⁶CF. RIBEIRO, s.d., p. 109.

um *aparentamento* com o europeu em virtude de suas posses de artigos que para os indígenas eram valiosos, tais como facas, facões, enxadas e outros. Era comum, portanto, que um europeu pudesse ter várias mulheres indígenas, ou provindas da escravidão ou do casamento dentro dos moldes indígenas, gerando farta prole de mestiços sem identidade própria.

Da mesma sorte, são trazidas da África algumas mulheres negras para os serviços domésticos, principalmente, e para a escravidão sexual na casa grande. Totalmente desambientados e aculturados, essa geração de pessoas, filhas das índias ou das negras, formam a primeira geração de brasileiros genuínos, na busca de algo que os caracterizasse como povo. Surge então um grande número de pessoas sem identidade definida, sem uma cultura propriamente sua, totalmente desambientados e aculturados. Ainda hoje o povo brasileiro está em formatação embora muito se tenha desenvolvido deste então, se comparando à países e povos de culturas antigas.

É fator conhecido que os povos indígenas brasileiros não tinham uma religiosidade formal unificada. Ao contrário, cada povo tinha suas próprias crenças, elementos e rituais cúlticos próprios, em geral de características animistas, um panteão de deuses e espíritos que rondavam e dirigiam todas as existências mas sem uma formalização teórica ou ritual rígidas.

Da mesma maneira, os povos africanos que aqui chegaram também tinham crenças de características animistas e cada povo, em particular, compreendia toda uma cosmovisão espiritualista próprias. No entanto, o que difere de maneira mais visível da religiosidade indígena brasileira é que os deuses e espíritos do panteão africano precisavam ser apaziguados mediante sacrifícios de animais e até macerações humanas. Tais deuses e espíritos não praticavam, por essência, o bem ou o mal na existência das pessoas; tais ações dependiam se os sacrifícios e rituais que lhes eram servidos os agradavam, sem nenhuma vinculação com uma crença de bem ou mal essencial, mas apenas em relação aos cultuantes.

À influência dos negros, não apenas como negros, mas ainda, e, sobretudo, como escravos [...]. Uma suavidade dengosa e açucarada invade, deste cedo, todas as esferas da vida colonial. Nos próprios domínios da arte e da literatura ela encontra meios de exprimir-se [...]. O gosto do exótico, da sensualidade brejeira, do chichisbeísmo, dos caprichos sentimentais,

parece fornecer-lhe um providencial terreno de eleição, e permite que, atravessando o oceano, vá exhibir-se em Lisboa [...].⁷

Diante destes fatores, fica evidente que o misto de povos que para aqui convergem formam um povo (ou povos) em busca de identidade própria, mas que já trazem no bojo de sua existência preconceitos relacionados à sua origem, ao mundo conceitual ao qual pertenceram e às culturas que o influenciaram. É, pois, um povo (ou povos) de cultura multiforme, de variadas origens, sofrendo influências múltiplas, formando para si uma cosmovisão com elementos de variadas culturas, ao mesmo tempo que os valores que atribuem para cada origem são diferenciados na ótica da valorização da etnia branca e de sua cultura como força dominadora e hegemônica. Tais fatores convergirão também na religiosidade do povo, uma religiosidade mística, ou seja, de valorização do panteão espiritual e mista, com influências variadas. O neopentecostalismo, talvez, seja o ápice desta realidade.

Auguste de Saint-Hilaire, que visitou a cidade de São Paulo pela semana santa de 1822, conta-nos como lhe doía a pouca atenção dos fieis durante os serviços religiosos. 'Ninguém se compenetra do espírito das solenidades', observa. 'Os homens mais distintos delas participam apenas por hábito, e o povo comparece como se fosse a um foguedo. No ofício de Endoenças, a maioria dos presentes recebeu a comunhão da mão do bispo. Olhavam à direita e à esquerda, conversavam antes deste momento solene e recomeçavam a conversar logo depois'. [...] Outro visitante, de meados do século passado, manifesta profundas dúvidas sobre a possibilidade de se implantarem algum dia, no Brasil, formas rigoristas de culto. Conta-se que os próprios protestantes logo degeneram aqui, exclama. E acrescenta: 'É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos'.⁸

Já os povos de origem europeia que aqui desembarcaram, em sua maioria portugueses, eram de confissão cristã católica. Obviamente, o catolicismo é caracterizado por uma ritualização forte e uma clara separação entre o sagrado e o profano. No catolicismo a relação com a divindade se faz pela mediação dos sacerdotes e dos sacramentos; rituais específicos com a finalidade de comunicar da graça divina ao crente, ou seja, favorecer o contato com a divindade. Os sacramentos, portanto, são realizados em momentos específicos, com rituais apropriados e por sacerdotes especializados. Tal separação é bem menos rígida nas espiritualidades indígenas e afros, onde o mundo natural é totalmente revestido de

⁷ HOLANDA, 1995, p. 61.

⁸ HOLANDA, 2004, p. 151.

entidades espirituais e os locais sagrados, que obviamente existem, se constituem de uma amplitude muito maior que templos e a Terra Santa; podem ser árvores, rios, animais, pessoas, locais geográficos etc.

Sobre os europeus, afirma o padre Manuel da Nóbrega, em carta de 1552:

[...] 'de quantos lá vieram, nenhum tem amor a esta terra [...] todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja a custa da terra, porque esperam de se ir'. Em outra carta, do mesmo ano, repisa o assunto, queixando-se dos que preferem ver sair do Brasil muitos navios carregados de ouro do que muitas almas para o Céu. E acrescenta: 'Não querem bem à terra, pois têm sua afeição em Portugal; nem trabalham tanto para a favorecer, como por se aproveitarem'.⁹

Com a ocupação do Brasil pelos povos europeus provindos, especialmente, de Portugal, a religião oficial de Portugal também aqui se instala sob as perspectivas de método de colonização e formatização de todo um sistema de governo sob supervisão e de acordo com os desejos do colonizador. É nesta perspectiva que as religiões dos povos aqui encontrados são desconsideradas, bem como as religiões dos povos africanos aqui trazidos como mão de obra escrava. Há, pois, uma matiz de dominação e de valorização da religião cristã, especialmente católica romana, à princípio e posteriormente do protestantismo histórico dos povos de etnia branca, sob as demais religiões que existem no Brasil.

Conforme já mencionado, o catolicismo romano aqui se instalou desde o início da colonização, no século XVI, quando os exploradores portugueses que vieram para tomar posse oficialmente destas terras se fizeram acompanhar de missionários.

Em 1549 seis jesuítas (padres da Companhia de Jesus) acompanharam o governador-geral Tomé de Sousa, chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega; ficaram famosos o padre José de Anchieta e o Padre João de Azpilcueta Navarro. Os carmelitas chegaram em 1580, as missões dos beneditinos tiveram início em 1581, as dos franciscanos em 1584, as dos oratorianos em 1611, as dos mercedários em 1640, as dos capuchinhos em 1642. Durante o século XVI e o século XVII, a legislação buscou certo equilíbrio entre Governo central e Igreja, tentando administrar os conflitos entre missionários, colonos e índios.¹⁰

Até meados do século XVIII o Estado brasileiro controlava a atividade eclesial por meio do padroado, financiando o sustento da Igreja e impedindo

⁹ HOLANDA, 1995, p. 107.

¹⁰FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Retratos das Religiões no Brasil*. Disponível em: <www.cps.fgv.br/cps/religoes/inicio.htm>. Acesso em: 06 jul. 2016.

outras formas de cultos, inclusive confirmando a condenação dos tribunais da Inquisição¹¹. É só após a proclamação da República que a separação entre Igreja e Estado é decretada, mas a influência da Igreja permanece forte até o Regime Militar, quando conflitos começam a surgir entre parcelas da Igreja com tendências socialistas e o governo.

O europeu fazia uma releitura da tradição bíblica tendo agora que incluir toda aquela estranheza pagã sob a ótica dos desgarrados filhos de Eva, expulsos do paraíso, animalizados sob a forçosa potência das forças das trevas, visto a distância dos mesmos da força redentora da cristandade. Cabe, portanto, aos europeus a missão de resgatá-los de semelhante poder e salvá-los pela evangelização e incorporação no reino de Deus exercido pela Igreja. É, pois, na ótica da guerra santa que a expropriação de riquezas e a destruição de povos é justificada e ocultada.

Na perspectiva da animalização dos indígenas e dos africanos que aqui ofereciam mão de obra escrava é que a religião dos mesmos era considerada. Geralmente os povos de etnia branca considerava tais religiões como manifestações malignas, ao molde cristão, portanto, sendo totalmente proibidas quaisquer manifestações cúlticas públicas dos mesmos.

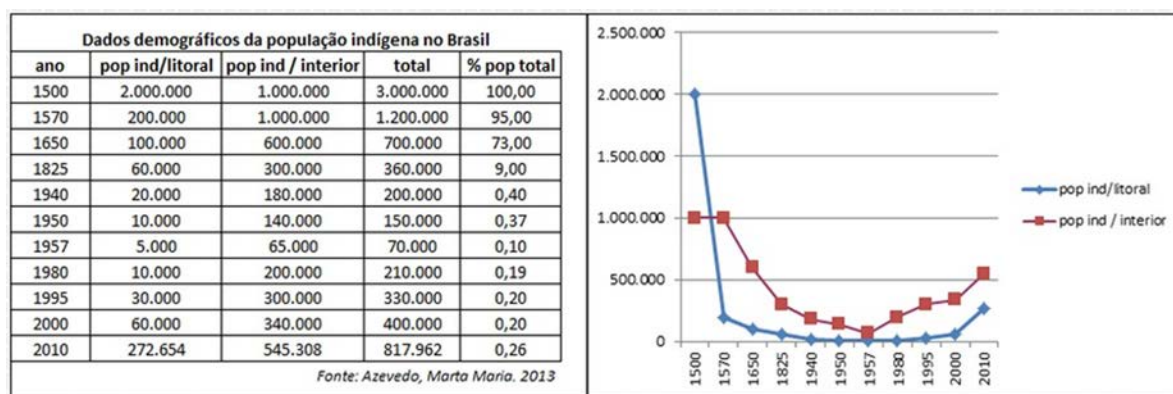
A exploração pelos portugueses da costa ocidental africana e, depois, dos distantes mares e terras do Oriente poderia assimilar-se, de certo modo, a vasta empresa exorcística. Dos demônios e fantasmas que, através de milênios, tinham povoado aqueles mundos remotos, sua passagem vai deixar, se tanto, alguma vaga ou fugaz lembrança, em que as invenções mais delirantes só aparecem depois de filtradas pelas malhas de um comedido bom senso.¹²

Tais povos então decidem por camuflarem suas crenças e práticas litúrgicas dentro do escopo e do universo mitológico católico romano, o que faz surgirem as religiões afro-brasileiras, se apropriando de símbolos católicos atribuindo-lhes, no entanto, conteúdos significantes próprios. É o caso de São Jorge, cuja imagem católico romana foi apropriada por parte das religiões afro-brasileiras que, embora usem a mesma imagem, atribuem a esta, em algumas formas cúlticas, a significância de Ogum, entidade da mítica de certos povos africanos.

¹¹CF. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - Centro de Políticas Sociais-. *Novo Mapa das Religiões*. 2009. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Catolicismo_no_Brasil>. Acesso em: 06 jul. 2015.

¹² HOLANDA, 1995, p. 95.

As missões católicas vêm se desenvolver na primeira fase da colonização do Brasil, formando núcleos com milhares de povos indígenas. Por outro lado, grande número de criminosos condenados e homens, principalmente, sem nenhuma opção de vida na Europa vêm aqui desembarcar buscando riquezas, bem na perspectiva de extração, escravização, dominação e superioridade a que estavam acostumados os povos europeus. Não é possível deduzir com clareza o número estimado de indígenas existentes no Brasil, por este período, estimativas sobem a mais de 3 milhões, provavelmente, chegando a apenas pouco mais de 70 000, o que demonstra a grandeza do genocídio.

Tabela 1:¹³

Tais origens difusas e amplas, com influências convergentes e divergentes, fazem surgir no Brasil uma religiosidade com características específicas, qual seja, a linguagem cristã como elemento de definição de todo o espectro geral da mesma, um certo encantamento do mundo por forças espirituais definidas em duas principais vertentes: a benigna e a maligna, e a crença na possibilidade de intervenção divina para os assuntos mais corriqueiros da existência pessoal. Sobre a religiosidade brasileira, Antônio Gouvêa Mendonça (2008) afirma que:

[...] a religião do homem pobre era uma religião difusa. Não sistemática, estava em tudo e em todos. [...] O fato de ser difusa não significa caos e competição, ou fraqueza. Ao contrário, a religiosidade do homem pobre dava sinais de profundo enraizamento nos atos comuns ou dramáticos do cotidiano. [...] Significa, ainda, a crença comum em objetos e palavras com poderes mágicos para definir o destino das pessoas. [...] a religião santorial do homem pobre revela um colorido político pela presença de números

¹³AZEVEDO, Marta Maria. *Índios no Brasil: quem são*. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

santos de devoção regional, familiar e pessoa. [...] familiaridade com o sagrado ia a ponto de haver desavenças de ordem muito pessoal entre o fiel e o santo.¹⁴

Talvez seja o protestantismo histórico que no Brasil se instala com características mais propriamente europeias. Provém de meados para o final do Século XIX o afloramento de tais organizações entre comunidades de imigrantes provindos destas terras e que receberam do imperador do Brasil a autorização de exercerem suas práticas religiosas. No entanto, a religiosidade brasileira é intensamente influenciada pela religiosidade europeia até o início do Século XX, em virtude da valorização da cultura dos dominadores, para onde em geral todos desejam secretamente migrar, na ótica do status e do poderio econômico e, posteriormente, pela religiosidade norte-americana. Todas as fluências religiosas mais hegemônicas destes povos vêm aqui desembocar de uma forma ou outra.

No bojo de toda essa diversidade cultural e do domínio ditatorial da minoria branca é que vem se desenvolver no Brasil, posteriormente, uma religiosidade forte, embasada nos ditames, primeiramente, da cultura europeia e norte americana, denominada de pentecostalismo. O pentecostalismo, *a priori*, não contempla bem a cultura brasileira com suas características próprias; as músicas são traduções, as estruturas são europeias e os ícones são norte-americanos. Percebe-se que o pentecostalismo encontrou no Brasil terreno fértil para seu desenvolvimento. As religiões indígenas e afros já criam na intervenção das entidades para cura, exorcismo de espíritos maus e demonstrações visíveis de suas presenças nas pessoas cultuantes ou transe. No catolicismo romano brasileiro tais elementos existiam, mas é no pentecostalismo que sua ênfase é maior, favorecendo uma aproximação da mentalidade religiosa da maior parcela da população.

Pentecostalismo, movimento cristão mundial dos Séculos 20 e 21 que enfatiza a experiência do batismo do Espírito, geralmente evidenciado por falar em línguas (glossolalia). O nome deriva do Pentecostes, o nome grego da festa judaica das semanas, que ocorria na quinquagésima semana após a Páscoa. Neste dia o Espírito Santo desceu sobre os primeiros cristãos habilitando-os a falarem em outras línguas (veja Atos 2.1-4). Além da glossolalia, Pentecostais promovem outros fins do Espírito (charismata), incluindo fé na cura, profecia e exorcismo. Experiências extáticas permanecem como um dos elementos de unificação do movimento. Pentecostais na América são geralmente evangélicos conservadores em

¹⁴MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste e o porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 203, 204, 205.

suas crenças, mas não existe unicidade sobre matérias de doutrinas ou política existente entre os aderentes.¹⁵

O sociólogo Paul Freston divide o pentecostalismo brasileiro em três períodos históricos que demarcam a evolução do pentecostalismo até ao surgimento das igrejas neopentecostais, cada período relacionado a um movimento, ou “onda” que define determinada dinâmica e estrutura mais ou menos geral¹⁶. A primeira onda tem começo no início do século passado, aproximadamente 1910, com a chegada da Congregação Cristã e da Igreja Assembleia de Deus. A Segunda onda datada da década de 1950 à 1960, quando as igrejas pentecostais começam a se fragmentar dando origem a outros grupos: Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, Igreja Deus é Amor entre outras. A terceira onda começa no final da década de 1970 e ganha força à partir da década de 1980: Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo entre outras.

Tabela 2:¹⁷

Provável ano das primeiras atividades	Nome da organização eclesiástica	Principal(is) fundador(res)
1871	Igreja Batista	Pr. Richard Ratcliff e Pr. Robert Porter Thomas
1893	Igreja Adventista do Sétimo Dia	Miss. Albert B. Stauffer
1901	Igreja Cristã Evangélica	Reginaldo Young (canadense)
1910	Congregação Cristã do Brasil	Louis Francescon (italiano)
1911	Igreja Assembleia de Deus	Miss. Gunnar Vingren e Daniel Berg
1925	Igreja Evangélica Holiness do Brasil	Pr. Takeo Monobe (japonês)
1932	Igreja Adventista da Promessa	Pr. João Augusto da Silveira

¹⁵COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. *Pentecostalismo*. 2014. The Columbia Encyclopedia, 6th ed. 2014. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/topic/Pentecostalism>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

¹⁶CF. FRESTON, Paul. *Protestantismo no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Campinas/SP. 1993. Tese: Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Ver também: MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

¹⁷CRONOLOGIA DAS IGREJAS PROTESTANTES NO BRASIL. *Cronologia das igrejas protestantes no Brasil*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/.../Cronologia_das_igrejas_protestantes_no_Brasi...>. Acesso em: 08 jul. 2016.

1935	Igreja de Cristo Pentecostal do Brasil	Rev. Horace S. Ward
1946	Igreja do Evangelho Quadrangular	Miss. Harold Edwin Williams (Americano) Pr. Emílio Vasquez
1951	Ministério Voz da Verdade	Pr. Fued Moysés
1962	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Miss. David Martins Miranda
1977	Igreja Universal do Reino de Deus	Bp. Edir Macedo e Romildo R. Soares
1980	Igreja Internacional da Graça de Deus	Miss. Romildo Ribeiro Soares
1986	Igreja Apostólica Renascer em Cristo	Ap. Estevam Hernandes e Bp. Sônia Hernandes
1992	Comunidade Ev. Sara Nossa Terra	Bps. Robson Rodovalho e Maria Rodovalho
1998	Igreja Mundial do Poder de Deus	Ap. Valdemiro Santiago

Deve-se lembrar as limitações das generalizações das chamadas três ondas. O autor mencionado não contempla o surgimento das chamadas igrejas de renovação e da fundação de outras grandes denominações entre as décadas de 1960 e 1970. Por movimentos de renovação considera-se a adesão de parte do protestantismo histórico ao movimento pentecostal já existente, de tal forma que estas instituições mantêm sua eclesiologia e sua configuração, mas se tornam pentecostais com respeito aos demais pontos: liturgia com ênfase em curas, exorcismo e a manifestação sensível da divindade pelos considerados dons do Espírito. O neopentecostalismo é o ápice destas características, visto que enfatizam ainda menos um conteúdo conceitual de suas doutrinas, uma teologia especificamente próprias, diminuem sensivelmente qualquer ênfase nos aspectos morais do crente, o que era fortemente enfatizado nos movimentos pentecostais anteriores e enfatiza uma possibilidade de acesso aos bens divinos mediante rituais próprios na obtenção de socorro para as eventualidades mais comuns da existência individual. Sua ênfase recai mais especificamente na possibilidade de obtenção de bens ou benesses aqui e agora, sem o adiamento para uma vida posterior, como o enfatizava o pentecostalismo e ainda mais o protestantismo histórico e a ação das potestades malignas na vida particular das pessoas.

O que torna particularmente interessante o estudo do neopentecostalismo é que este não tem características doutrinárias e de práticas litúrgicas propriamente suas, ele se apropria de elementos de toda a religiosidade brasileira no intuito de

reunir adeptos oriundos de todas as esferas religiosas. Assim, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, pode ter, na mesma liturgia, uma das sessões de uma novena (copiada do catolicismo romano) especial para expulsão de espíritos que provocam pobreza, a celebração da santa ceia ao molde das Igrejas Reformadas, encerrando a celebração com um passe de luz, elemento evidentemente copiado do espiritismo kardecista. O que significa que seu estudo é necessariamente um estudo da religiosidade geral da maior parcela da população.

Neste movimento com forte apelo à religiosidade popular necessariamente os mitos e símbolos abundam, tornando-se elementos obrigatórios e indispensáveis na existência da organização eclesiástica que o desenvolve, de tal maneira a presença personificada e manifestada do mal parece ser indispensável para a sobrevivência da organização. Os símbolos, portanto, têm papéis preponderantes tais quais totens, possuindo um poder mágico na batalha contra o mal que se impera no indivíduo provocando desgastes práticos imediatos.

1.2 A teodiceia dualística no neopentecostalismo: origens e abrangências no povo brasileiro

Vale, a princípio, ressaltar a concepção de cultura que se tem como norteamento. Obviamente, o senso comum pode fornecer ideias superficiais sob o que seja cultura. Para alguns, cultura se refere a um conjunto de regras e normas de etiquetas sociais e comportamentos convenientes em determinada sociedade. Tal concepção, embora seja verdadeira, é restritiva, não abarcando a totalidade do fenômeno. Uma segunda concepção compreende cultura como algo paralisado, estático, sem vida. Refere-se principalmente ao acúmulo de produções artísticas de determinado povo em períodos históricos anteriores, mais compreendidos como aquelas coisas que se podem encontrar em um museu. Uma terceira concepção imagina que cultura se refira ao conjunto de conhecimentos enciclopédicos que alguém possa adquirir. "Fulano é culto" geralmente se refere à educação bancária¹⁸ da qual uma pessoa possa ter eficazmente participado, se tornando pessoa de elevada capacidade de acesso informativo de conhecimentos teóricos anteriormente

¹⁸CF. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011. Ver também: Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

acumulados. Muitas vezes tais conhecimentos são quase que completamente dissociados da realidade prática.

Angel B. Espina, estudiosa da antropologia cultural, procura esclarecer que cultura não se refere apenas aos elementos pontuais mencionados anteriormente¹⁹. Cultura se refere à toda produção social de determinado povo, relaciona-se com a língua-linguagem, com a produção artística, com toda a produção manual, industrial, com as regras de etiquetas, com as relações interpessoais, todos os elementos estruturais de um povo que fundamentam a sociedade. Enfim, a cultura sendo fenômeno essencialmente humano, aplica-se a todos os seres humanos.

É na perspectiva de cultura que se inclui, enraizada em todos os elementos de compreensão e cosmovisão de um povo, que os povos europeus que aqui desembarcaram encontraram povos milenares, que possuíam uma religiosidade difusa, não sistemática e relacionada com todos os elementos de sua existência, os povos indígenas.

Da mesma sorte, os povos africanos que aqui desembarcaram possuíam uma religiosidade de características animistas, com um mundo conceitual próprio, com uma teia mitológica completamente diversa dos povos europeus. Já os povos europeus cristãos compreendiam todos os fatores com a estranheza natural em relação ao desconhecido, ao mesmo tempo em que valorizavam o europeu e o branco em detrimento do originário ou africano e negro.

Essa combinação deu origem a um sincretismo, formando uma matriz simbólica, um núcleo comum, de natureza dualista. Mesmo não tendo compromisso com a teologia formal, essa teodiceia está presente em nossa religiosidade popular. [...].²⁰

Estevam F. Oliveira define a teodiceia dualista comum como

[...] um conjunto de crenças que incluem ritos e práticas religiosas que são elaboradas a partir da religiosidade popular e que é a expressão das várias maneiras de como o homem tenta fazer a mediação com o sagrado, tentando eliminar as tensões entre forças divinas e demoníacas, representadas na luta entre o bem e o mal.²¹

¹⁹CF. BARRIO, Angel B. Espina. *Manual de antropologia cultural*. Recife: Massangana, s.d., p. 27-29.

²⁰CF. OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *Conversão ou Adesão: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Proclama, 2004.

²¹HOLANDA, 1995, p. 96.

Todas as manifestações religiosas indígenas e africanas foram compreendidas pelos missionários europeus como demoníacas em virtude da estranheza ao observador europeu. Cabia, portanto, ao europeu e aos seus descendentes subjugar tais povos na perspectiva da libertação de sua opressão demoníaca, libertando-o por fim mediante à completa negação e aniquilamento de sua religiosidade e conversão plena ao cristianismo católico europeu. No entanto, a subjetividade de tais religiões não desapareceu completamente das gerações posteriores dos que assim se convertiam ao catolicismo, nem mesmo as manifestações destas religiosidades nos não convertidos. Tais elementos permaneceram no inconsciente coletivo dos brasileiros, de maneira a formarem um núcleo sintético comum de natureza dualista mais ou menos permeando todas as manifestações religiosas, uma teodiceia dualística de características brasileiras, ressaltando as limitações do termo “brasileiras” visto que suas origens são múltiplas. Por dualismo entende-se a compreensão de um mundo dividido em dois polos antagônicos que se digladiam na perspectiva de ampliar seu campo de ação e domínio: o bem e o mal; um bom e um mau. No Brasil,

[...] Surge um sentimento religioso mais humano e singelo. Cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo, Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano. Todos [...] querem estar em intimidade com as sagradas criaturas e o próprio Deus é um amigo familiar, doméstico e próximo.²²

Aí se combinaram a herança do messianismo milenarista oriundo da espiritualidade do protestantismo histórico e o substrato religioso da cultura brasileira, também eivado do milenarismo subjacente ao catolicismo popular, à tradição de certas culturas indígenas e o misticismo de origem africana num encontro feliz, ainda que regado com o, a princípio, admirado, mas nem sempre desejado, rigorismo moralista do protestantismo de missão, hoje a caminho de sair de cena, especialmente nas formações eclesiológicas recentes do movimento pentecostal.²³

O termo Teodiceia, *Theodiza* Te(o) + *Dike* (justiça) foi criado pelo filósofo alemão Wilhelm Leibniz (1646-1716), em seu livro: “Ensaio da Teodiceia”, que trata da bondade de Deus, liberdade do homem e origem do mal.²⁴

²²HOLANDA, 1995, p. 149.

²³BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9.

²⁴CF. ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Ed. Mestre Joy. São Paulo: 1960, p. 913.

1 - Conjunto de doutrinas que procuram justificar a bondade divina contra os argumentos tirados da existência do mal no mundo, refutando as doutrinas ateias que se apoiam nesses argumentos;

2 - Parte da filosofia que trata da demonstração racional da existência e natureza de Deus²⁵.

É um termo derivado do título da obra *Ensaio de teodiceia* de Leibniz que justifica a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de Deus.²⁶

1.2.1 O Problema da Teodiceia

Para explicar o problema da teodiceia, na tentativa de explicitar em que sentido compreende-se a teodiceia dualística do povo brasileiro, usamos aqui as compreensões de Max Weber sobre o fenômeno religioso, sua complexidade e necessidade ou lugar no mundo Moderno e Contemporâneo. A Alemanha estava no centro de toda uma efusão de ideias no Século XIX e início do XX. Foi ali que mudanças se viram evidentes na Reforma Protestante, no Século XVI, sob liderança principalmente de Martinho Lutero(1483-1546) e João Calvino (1509-1564), onde também o catolicismo foi primordialmente atacado. Todas estas mudanças contribuíram em muito para o desenvolvimento da sociologia como ciência e tiveram fortes influências nos estudos sobre religião do sociólogo alemão Max Weber(1864-1920). Esse fato se observa em várias de suas obras, em especial, *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904 e 1905) e *Economia e Sociedade*.²⁷

Weber se via no centro de uma discussão sobre a metodologia das ciências sociais. Alguns teóricos que lhe antecederam estudavam os fatos humanos e, particularmente, os fatos sociais, usando os métodos das ciências naturais, seja como a análise de um organismo vivo, seja como a análise de um mecanismo, tal como um relógio. Para Weber, no entanto, não era possível se estudar a sociedade sob estas metodologias, visto que a ação humana é carregada de sentido subjetivo.

²⁵CF. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2ª ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1986.

²⁶JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo (1993). *Dicionário básico de filosofia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 265-266.

²⁷CF. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001. Também: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Portanto, tal estudo deveria visar captar a relação do sentido da ação, conhecer um fenômeno social é “extrair o conteúdo simbólico da ação ou ações que o configuram”.²⁸

Para Weber existe uma certa racionalidade nas religiões, embora não obviamente a racionalidade em voga em sua época. Tal racionalidade se configura pela busca de sentido da existência, que não podia ser obtida pela razão instrumental. O mundo europeu de Weber sofria de um desencantamento do mundo, fenômeno mais fortemente verificado a partir da Renascença. Todo o mundo Antigo era rodeado pelo sagrado que dominava relações humanas desde o nascimento até a morte em todas as suas circunstâncias. A partir da modernidade tal fenômeno começa a desaparecer em direção a um mundo desencantado. A ciência moderna oferece explicações naturais dos fenômenos da existência humana; o mundo moderno é de matérias e seres naturais, moldáveis, usáveis, subjugáveis, transformáveis para a produção e o consumo de riquezas humanas. A religião passa a ter lugar apenas ou na consciência individual ou na transcendentalidade absoluta que o excluía completamente das infirmitades da existência humana.

No entanto o mundo moderno, segundo Weber, não consegue satisfazer as relações de sentido do ser humano moderno. Quanto maior a racionalização do mundo moderno, talvez mais fortemente surja um distanciamento entre a maneira como tal mundo é manipulado e a busca de sentido para a existência humana neste mundo. O ser humano moderno percebe o mundo que o cerca como possibilidade de manipulação segundo a sua imagem e semelhança, seja para a produção exclusiva de riqueza material, seja para a construção de uma identidade no mundo. Cada vez que o ser humano mais se percebe como senhor dos elementos materiais que o cercam, mas percebe o terrível limite da condição humana e sua mais profunda tendência à angústia.²⁹

A religião surge, pois, para muitas pessoas, como o único sistema que pode oferecer algum sentido para a existência humana.

O fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da

²⁸CF. COLEÇÃO OS PENSADORES. *Max Weber*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980, p. 08. Ver também: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 08.

²⁹CF. GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sagrado: o Cristianismo e a des-sacralização do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003,

existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal.³⁰

É diante do aspecto delineado anteriormente que o problema de teodiceia aparece, qual seja, a justificação, por parte de Deus, do mal e da morte no mundo³¹. O ser humano percebe o problema do mal no mundo e procura explicações para ele. Tal sofrimento às vezes parece injusto; às vezes o mal prospera ao mesmo tempo em que há o declínio do bem. Não parece haver um sistema de recompensas que se possa considerar perfeito; a justiça.

Sendo Deus superior, soberano, onipotente e bondoso, como explicar a existência e até mesmo o aparente predomínio do mal? Deve haver alguma personificação do mal, uma força maligna que, separado de Deus e à revelia deste, produz dor, maldade, doença, morte e a conseqüente injustiça provinda destas relações. Surgem questões relacionadas à permissão passiva de Deus diante da ação maligna, ou de como manipular as forças divinas a seu favor, neutralizando a potência maligna na sua existência. Tais, pois, são as tensões que circulam os monoteísmos: os dualismos bem-mal, bem estar-sofrimento, vida-morte, justiça-injustiça, luz-trevas, Deus-satã. Tal é o problema central da Teodiceia.³²

Para Weber este é um problema exclusivo das religiões monoteístas, visto que o monoteísmo tem uma raiz única, o judaísmo, pelo qual o mesmo problema foi perpassado chegando ao cristianismo e islamismo.

[...] quanto mais próxima a concepção de um Deus único, universal e supramundano, tanto mais facilmente surge o problema de como o poder aumentado ao infinito de semelhante Deus, pode ser compatível com o fato da imperfeição do mundo que ele criou e governa.³³

³⁰DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 459.

³¹CF. OLIVEIRA, 2004, p. 75.

³²CF. AQUINO, Jefferson Alves de. *Leibniz e a teodiceia: o problema do mal e da liberdade humana*. Doutorando em Filosofia. Fortaleza: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), s.d.

³³WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 351.

1.2.2 A Teodiceia Dualista

Weber fez estudos na história das religiões sobre como respondiam à questão da busca de sentido da existência humana e suas naturais tensões e encontrou quatro tipos principais de teodiceia³⁴, como a seguir:

1 - a doutrina hindu do karma: o sofrimento da pessoa deve ter um propósito, a saber, purificação e obtenção de méritos para uma vida posterior, de maneira que possa enfim se livrar das sucessivas reencarnações, se livrando definitivamente de sofrimento e morte.

2 - a doutrina da predestinação: compreende que há um decreto soberano com um propósito escondido, de maneira que todo o mal e sofrimento no mundo devem ter algum propósito maior oculto, de maneira que tal decreto possa, em virtude deste propósito, predestinar alguns para a salvação e outros para a condenação, bem como reger todos os demais elementos da existência humana.

3 - escatologia messiânico-mundano: baseia-se na compensação dos atos humanos em dois níveis, (1) a compensação do momento presente em um futuro imediato, qual seja uma renúncia feita agora para um benefício ainda nesta existência, e (2) a compensação de uma renúncia feita agora para uma compensação em um futuro longínquo, tratando de uma renúncia feita agora para um benefício que se possa obter em uma outra vida após a morte. Diz grande parte da cristandade que a renúncia feita aqui tem compensação no céu, após a morte.

4 - a doutrina dualista Zaratrusta: tal doutrina advoga a existência de um deus bom e um deus mal. O bem finalmente triunfará no final. A doutrina Zaratrusta originou-se no Irã por volta dos Séculos X à VI a.C. Tal doutrina apresenta uma verdadeira revolução. As principais religiões sempre tiveram dificuldades em explicar o problema do mal no mundo, tentando equacionar as relações existentes entre a bondade e soberania de Deus em sua plenipotência e a existência do mal no mundo. O Zoroastrismo pela primeira vez na história dava uma resposta simples: Há duas forças divinas no mundo: Ahura-Mazda, senhor da luz, bom e que em sua liberdade escolheu o bem e Angra Mainyu, senhor do mal e das trevas, que em sua

³⁴CF. OLIVEIRA, 2004.

plena liberdade escolheu o mal. Tais forças se equilibram no mundo, sendo que Ahura-Mazda triunfará no final, juntamente com quem o segue³⁵.

Cativeiro da Babilônia é termo usado para referir ao exílio de parcela da população de hebreus para a Babilônia no Século VI a.C. Esse período foi de grande intercâmbio cultural entre persas e hebreus, sendo que a religiosidade hebraica absorveu fortes contribuições do zoroastrismo persa, integrando e reinterpretando todo o dualismo do zoroastrismo, religião persa na época, ao contexto judaico e daí repassando a todos os monoteísmos posteriores, visto que todos provêm de influência direta do judaísmo pós-exílio. É do monoteísmo judaico que o dualismo monoteísta provém, relacionando diretamente a antiga entidade Lúcifer como uma entidade exclusivamente maligna e Deus como ser benigno. Vale ressaltar que esse dualismo sofre graus de compreensão de acordo com a tradição religiosa na qual se encontra, variação facilmente verificada no islamismo e no cristianismo, especialmente entre o cristianismo tradicional (católico romano e protestantismo histórico) e o neopentecostalismo quando comparados em paralelo.

Todas as religiões postulam um Deus que é independente, poderoso e bom. Mas, como conciliar esse poder e bondade com a presença do mal no mundo? O dualismo retira da unidade de Deus uma parte do seu poder para preservar a sua bondade perfeita. Na verdade, o cristianismo sempre tem dificuldade em conciliar a bondade de Deus com a sua onipotência. No dualismo, esta bondade é preservada, a onipotência é sacrificada.³⁶

O dualismo se caracteriza pela limitada visão trevas-luz, preto-branco, mal-bem que perpassa, em geral, toda cosmovisão do sujeito, que fatalmente etiquetará todos os elementos individuais, pessoas e tudo o que se refere à sua espiritualidade, determinando suas relações interpessoais, suas relações com os elementos básicos da existência, enfim, tudo o que se relaciona ao mesmo, do nascimento e da compreensão do que seja nascimento até à morte e o que se compreende da mesma. É tal teodiceia que mais se verifica no neopentecostalismo.³⁷

Embora provindo do movimento pentecostal que lhe antecede, o neopentecostalismo tem características distintas, com ênfase na Teologia da

³⁵CF. WEBER, 2001.

³⁶RUSSEL, Jeffrey Burton. *O DIABO: as Percepções do Mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 85.

³⁷CF. OLIVEIRA, 2004.

Prosperidade e, conseqüentemente, a confissão elementar de que o cristão deve ter saúde, prosperidade financeira, bem estar emocional etc. aproximados da perfeição.

Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo 'Deus x Diabo'. Acreditam também que o Universo está dividido em dois reinos: o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo, habitado pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo de batalha da 'guerra espiritual'. É pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais: 'o reino espiritual é mais real que o material', dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual.³⁸

Tal concepção provém dessa crença dualística do mundo: de um lado, a Divindade como um Pai generoso, ser de bondade, misericórdia, graça e sempre que algum bem é verificado no mundo, é sua ação miraculosa que o produz, que apenas deseja para os filhos bem estar generalizado, mas que, para tal, depende da fé que o indivíduo exerça, uma espécie de limitação de onipotência. De outro lado as esferas malignas, cuja única ocupação seria propiciar individualmente mal estar generalizado na saúde física, vida financeira, questões emocionais etc. dos indivíduos. Sempre que o mal, a desgraça, a injustiça são verificadas na experiência prática é a ação perturbadora do Diabo que os provoca, uma espécie de imbecilidade patogênica, o que lhes impedem de opções de ação mais elevadas, ainda que malélicas. Para os neopentecostais esses opostos se digladiam na tentativa de obterem a posse do indivíduo, mais ou menos como uma possessão, de onde provêm os efeitos malélicos, no caso do lado demoníaco, ou benéficos, no caso de Deus mesmo vencer tal disputa, tal luta é chamada de Batalha Espiritual. Para Kennedy Hagin, "Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros; não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade. Deus proverá cura e prosperidade para os seus filhos se eles obedecerem aos seus mandamentos..."³⁹. Pode-se procurar alguma afinidade e origem com a Ética Protestante, na linguagem de Weber.⁴⁰

No interior deste dualismo simplista do mundo e da fé como elemento de resolução efetivo dos problemas humanos mais evidentes, elementos de contato provindos da religiosidade popular brasileira nas suas mais diversas ramificações

³⁸AZEVEDO JUNIOR, Wilson Correa de. *Neopentecostalismo*. Projeto de doutorado em antropologia social, Museu Nacional – UFRJ, 1994, p. 10.

³⁹HAGIN, Kenneth. *Novos limiares da fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s. d., p. 66.

⁴⁰CF. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.

foram gradualmente acrescentados, como símbolos apenas, ou como verdadeiros totens, que em si carregam poderes místicos capazes de deterem o avanço do mal, ou absorvendo-os em si mesmos, ou expulsando-os do ambiente em que se encontram⁴¹. Evidentemente tais elementos possuem um preço que corresponde ao nível de fé que o indivíduo possui, mais ou menos como uma versão moderna das indulgências medievais.

Tal compreensão sobre a personificação do mal é teorizada pelo bispo Edir Macedo em seu livro intitulado *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* de 1982. Na IURD o dualismo é a única forma de interpretação para a existência do mal e nesta perspectiva toda a sua existência e sobrevivência se baseia e desenvolve. É no seu bojo que toda essa diversidade cultural brasileira se verifica evidente. Todo o mal, sofrimento, doença, pobreza no mundo advém do diabo e de seus demônios cuja única finalidade é roubar, matar e destruir, sendo por excelência inimigo de Deus, das pessoas como criaturas de Deus e de todo o bem que possa existir no mundo. O que talvez seja mais especificamente um fenômeno brasileiro seria associar essa personificação com a mítica dos cultos afros, uma tendência provinda da colonização europeia nos moldes anteriormente mencionados. Assim o afirma Edir Macedo:

Toda a verdade a respeito dos demônios, cultuados como deuses na religiões afrobrasileiras - vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda. A Oxum, Iemanjá, Ogum, orixás e exus, acrescentam-se, ainda, os demônios que se apresentam como espíritos evoluídos, ou em evolução do kardecismo e em outras ramificações espíritas ou espiritualistas.⁴²

Na perspectiva mencionada acima, a pessoa do diabo toma parte efetiva e central na liturgia, sendo a sua menção plena em todo o momento e o ponto culminante a sua expulsão, ou diretamente mediante exorcismo ou indiretamente mediante os pontos de contato ou outros elementos simbólicos aos quais o mal não pode resistir. Deus, portanto, só pratica atos que trazem benefícios diretos ao crente, tais como, prosperar, curar, alegrar, dar sucesso pessoal e familiar etc., tornando-se algo parecido com os deuses familiares da antiguidade. No entanto, Deus não retira de todo o mal do mundo, mas apenas da vida daqueles que tem e exercem sua fé

⁴¹CF. SCHIMIDT, Ervino; ALTMANN, Walter. *Inculturação e sincretismo*. Porto Alegre: CONIC-IEPG, 1995.

⁴²MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1982, p. 16.

nele. Tal fé é exercida de maneira prática na participação das atividades práticas da liturgia da IURD.

[...] um demônio é uma personalidade, um espírito que deseja se expressar, pois anda errante procurando corpos que possa possuir para através deles cumprir sua missão maligna [...] na realidade, orixás, caboclos e guias, não são deuses. Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças são todos espíritos malignos.⁴³

Ao possuir os corpos das pessoas, os demônios contaminam com os seguintes sinais de possessão: mudez, cegueira, demência, manias suicidas, males físicos, vários defeitos e deformidades físicas, além de nervosismo, dores de cabeça constantes, insônias etc.⁴⁴

1.2.3 A Alma da Religiosidade Brasileira

Sendo o ser humano um ser social, afirma Émile Durkheim: “A ideia de sociedade é a alma da religião”⁴⁵. A religião se desenvolve dentro do escopo social, na vida em sociedade e da vida em sociedade. Segundo Durkheim, quase todas as instituições sociais nasceram da religião⁴⁶. A alma de uma sociedade é revelada no sentido que dá à existência, no valor que dá à vida humana, no grau de consciência social, de maneira que sociedade e religião se tornam um todo indivisível.

É na perspectiva mencionada acima que se percebe na sociedade brasileira uma teodiceia dualista comum à maioria das pessoas. Tal dualismo é verificado em todas as principais religiões e na realidade da existência ordinária da maioria da população brasileira, reproduzindo sempre as relações sociais existentes na sociedade desde sua origem. Tal se verifica na facilidade com que certa parcela da população facilmente aceita posições de poder sobre si, aceitando passivamente sua situação de submissão em relação à líderes que possuem a autoridade do sagrado sem questionamentos, reproduzindo, na religião, as relações de poder de uma sociedade severamente hierarquizada.

A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se

⁴³MACEDO, 1982, p. 17 - 18.

⁴⁴MACEDO, 1982, p. 56.

⁴⁵DURKHEIM, 1989, p. 496.

⁴⁶CF. OLIVEIRA, 2004, p. 496.

abandonar a todo o repertório de ideias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades.⁴⁷

A religiosidade popular brasileira, em geral, tem quatro características básicas, segundo Oliveira:

1. Atitude de dependência - o povo brasileiro sofreu um processo de colonização de exploração e total subjugação, refletindo certa passividade e fatalismo diante das situações difíceis. Em uma visão de completa dominação, a magia podia ser um meio de tentativa de manipular o poder divino em seu benefício, na esperança de desviar de si o sofrimento sem diretamente afrontar as relações de poder injustas, em vistas de sua impotência de confrontá-las.

2 - Privatização da religião - diante das desigualdades injustas do Brasil e da perspectiva de que 'tudo corre como Deus quer', só resta ao indivíduo recorrer aos céus para que de lá venham socorro aos problemas pessoais na terra, tais como, saúde, emprego e moradia.

3 - Gregarismo - embora não seja próprio da religiosidade popular brasileira a formação de comunidades autóctones, a religiosidade popular em geral se alimenta de atos coletivos. As atividades em grupo, bem como o espírito festivo do brasileiro, estão fortemente vinculados, de maneira que as maiores festas do país incluem procissões, romarias, concentrações pentecostais, passeatas bíblicas etc., dando ao povo um senso de pertença.

4 - Necessidade de sinais concretos - a religiosidade popular em geral acredita que sinais concretos possuem algum poder sobrenatural no sentido de afastar a presença do mal, trazendo boas energias ou outra nomenclatura qualquer neste sentido. Tais sinais podem ser: amuletos, talismãs, palavras, gestos, pessoas, imagens etc.⁴⁸

É do núcleo comum mencionado anteriormente que fortemente se valerá a IURD em todas as suas atividades litúrgicas. Veja o que afirma o Bispo Honorilton Gonçalves, no Jornal do Brasil: "É verdade que os orixás são o Diabo e que as pessoas que estão na macumba não prestam, mas nós não brigamos com eles. Só queremos levar a palavra de Cristo até eles".⁴⁹

⁴⁷HOLANDA, 1995, p. 151.

⁴⁸CF. OLIVEIRA, 2004, p. 90-92.

⁴⁹ Apud. MARIANO, 2014, p. 121.

O advento da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, portanto, está temporalmente situado num período de intenso processo de urbanização, assim como de agravamento das condições sociais de vida. Por isso mesmo, sua mensagem encontrou ressonância no tipo de discurso com forte apelo popular que se buscava naquele momento. A IURD se apresenta, assim, como a materialização deste universo.⁵⁰



⁵⁰PROENÇA, 2006, p. 135.

2 A SOCIEDADE DE MERCADO E O BEM NA IURD

A teologia da prosperidade é um fenômeno não recente no protestantismo do ponto de vista de sua fundamentação. No entanto, a forma como esta se desenvolveu e tomou força depende da mentalidade de mercado tal como compreendida por Jean Baudrillard em: “A sociedade de consumo”⁵¹, também conforme mencionado no artigo de Daniel Gambaro: “Bourdieu, Baudrillard e Bauman: O Consumo Como Estratégia de Distinção”⁵². Nesta direção a IURD apresenta a vida abundante ou vida ideal, ou seja, a vida ideal, a felicidade consistirá na possibilidade de consumo e na posição social que o indivíduo possa atingir, preferencialmente sendo “cabeça e não cauda”: patrão e não empregado. Talvez a distinção mais preponderante entre a visão cristã de considerar como bem a própria divindade é, na prática, a reconfiguração, pela IURD, do bem como sendo a posse ou possibilidade de acesso aos bens de consumo na sociedade capitalista e do consequente status social, estando a própria divindade submetida a esta finalidade, desde que corretamente acionada por mecanismos de rituais próprios. O mal é a antítese disto. Analisado o potencial simbólico destas compreensões, a semiótica pode facilitar a análise na busca de entendimento do significado específico desta visão de mundo a partir da religião, enraizada esta na sociedade capitalista e desta fruto ideológico, favorecendo em níveis desconhecidos mas não mínimos a manutenção do *status quo*.

A análise pretende fazer uso da semiótica tal como compreendida por Charles Sanders Peirce, bem como da fenomenologia de Edmund Husserl, esta última seu referencial teórico⁵³. Para Peirce o estudo deve perpassar pela análise do signo, seu objeto e sua interpretação (lembrando que Peirce tinha como objeto de estudo a linguística, mas suas aplicações são extremamente amplas). A partir destes elementos se constrói toda a roupagem da língua, seja nas proposições, seja nas relações de contradições a ela pertinente⁵⁴, de maneira que toda possível

⁵¹CF. BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Galilée, 1991.

⁵²CF. GAMBARO, Daniel. *Bourdieu, Baudrillard e Bauman: O Consumo Como Estratégia de Distinção*.

Revista Novos Olhares. Vol. 01 nº. 01. p. 19-26. São Paulo: Brasiliense, jan/jul.1998.

⁵³CF. HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: 70, 2000, p. 39-66.

⁵⁴CF. HUSSERL, 2000, p. 39-66.

aproximação só poderá ser feita como tentativa de explicar o fenômeno de certo ponto de vista, em outras palavras, de como é compreendido por determinado grupo social de forma mais ou menos homogênea. Trata-se, portanto, da compreensão de determinado grupo social, em determinado contexto social que expresse as necessidades e aspirações dos mesmos.

2.1 Protestantismo, Estado e Sociedade Capitalista

Talvez seja conveniente verificar as concepções de Estado e sociedade mais recentes, o Liberalismo, o Pluralismo e o Corporativismo. Situemos como ponto de limite entre as concepções clássicas a Liberal em Adam Smith. Este “estabeleceu uma forte justificativa econômica para a procura incessante do interesse próprio, individual, enquanto que na literatura anterior... a ênfase estava nas consequências políticas desta procura”⁵⁵.

Adam Smith argumentou que os seres humanos são inteiramente impulsionados pelo desejo de aumentar os seus bens e melhorar sua condição de vida. Como motivo para tal, considera que os seres humanos têm uma sede enorme de consideração e que faz tudo para consegui-lo. Para alcançar este objetivo, o ser humano necessita de vantagem econômica. Este seria o papel do Estado: providenciar meios para a acumulação de capital. Aliás, o Estado não necessitaria ocupar grandes funções, já que seu papel se restringiria a permitir o funcionamento livre e ilimitado do mercado que, por si só, produziria este bem estar. Este é um grande paradoxo.

Logicamente este Estado seria defendido por uma ideologia que expressaria a máxima de que o mesmo é uma expressão da vontade social e da igualdade individual. O que não se contempla, nesta abordagem, seria a inegável função de enriquecedor da burguesia que ao Estado é atribuído pela mesma. Assim verifica-se que não são todos os indivíduos que teriam posse de propriedades e dos meios de produção previamente ao sistema para, através do mesmo, conseguir o maior lucro possível. Isto resulta, inevitavelmente, em exploração e subalternação da classe operária aos detentores dos meios de produção a quem interessa o livre mercado.

⁵⁵HIRSHMAN, Albert O. *As paixões e os interesses* - Argumentos Políticos para o Capitalismo Antes do seu Triunfo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 100.

Neste sistema, a culpa pela desgraça recai sobre o próprio indivíduo, indesejoso, fraco e preguiçoso.

Para os Pluralistas a racionalidade e o desenvolvimento cultural, necessários aos objetivos traçados anteriormente, não são objeto de todos. Em outras palavras, a democracia direta não é praticável pela incapacidade de alguns membros da sociedade. Um dos representantes desse pensamento é Joseph A. Schumpeter para o qual “A teoria do Estado democrático... é uma teoria empirista que se ajusta à economia neoclássica em sua amoralidade e em sua abordagem de solução de problemas”⁵⁶. Para o mesmo o sistema político “é concebido como um mercado”. O poder reside nos eleitores, embora entre os eleitores apareçam diversas demandas que impossibilitam que a vontade da maioria prevaleça. Os partidos políticos preenchem a função de tradutor dessas demandas. Apresentando propostas variantes conforme suas crenças, em forma de pacotes; são, portanto, representantes de interesses. Neste caso, os eleitores são consumidores desses pacotes.

Vale observar, no entanto, que os eleitores não são soberanos, neste caso, devido à influência de preferência, em outras palavras, a ideologia que mascara a real intenção e objetivos da elite dominante. Esta, por sua vez, se torna um articulador político de grande influência sobre as decisões do eleitorado através dos incontáveis instrumentos de coerção social.

Sobrepondo-se a esta concepção está o corporativismo. Este se constitui de

Uma ordem social e política baseada em organizações socioeconômicas funcionais na sociedade civil, agindo, em larga medida, de maneira autônoma em suas respectivas áreas, porém ligadas umas às outras e ao Estado em corpos de tomada de decisões a nível nacional e setorial e comprometidas com a manutenção da hierarquia funcional de uma sociedade orgânica⁵⁷.

O Estado, portanto, seria sujeito de uma série de corporações econômicas, cada qual representando seus interesses. As intervenções estatais são realizadas por especialistas. Por isso, a “intervenção do Estado na economia amplia a tomada

⁵⁶SCHUMPETER, Joseph A. *A teoria do desenvolvimento econômico*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

⁵⁷PANITCH, Leo Victor; GINDIM, Sam. *The making of global capitalism: the political economy of American empire*. New York, Versobooks, 1980. In: WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo*. São Paulo: Bomtempo, 2003, p. 160.

de decisões políticas pelos especialistas”⁵⁸. Isso resulta em um sério problema: todas essas corporações teriam uma gama de interesses a defender. “As decisões do Estado não são autônomas face às relações de poder na sociedade capitalista”⁵⁹. Até mesmo estes especialistas continuariam a defender seus interesses dentro desse Estado.

Não se pode deixar de mencionar que o Estado moderno é capitalista e, em vista disto, fruto da força política (coercitiva) da burguesia cuja força de influência provém do acúmulo de capital no decorrer da história, conforme mencionado anteriormente.⁶⁰

Pode-se deduzir de Marx que neste Estado Capitalista a autonomia do mesmo é relativa, pois a expropriação da classe dominante sobre a maioria da população lhe permite acumular progressivamente capital com o qual a mesma financia o Estado para que este funcione e trabalhe a favor de seus interesses. O Estado tem relativa autonomia para agir quando suas decisões visem ao bem comum da burguesia, já claros e patentes ou quando as decisões não afetam ou não interessam à burguesia. Quando o Estado tenta obter mais independência, a burguesia reage rapidamente no sentido de conter seu impulso.⁶¹

Sabe-se que o protestantismo foi apoiado francamente por parte da classe burguesa que via em seus princípios norteadores, na sua teologia e na sua prática política possibilidades fortes de aumentar seu poder livrando-se das garras do feudalismo e do governo Católico Romano. Todos os fatores mencionados anteriormente culminaram para a deflagração do protestantismo apoiado pela classe burguesa que, teoricamente, poderia ter mais liberdade para exercitar sua prática que culmina na acumulação de capital e obter pleno desenvolvimento.

As relações entre política, Estado e ideologia sempre estiveram ligadas à religião como fator de convergência. Embora o capitalismo tenha surgido em Gênova e Veneza, repúblicas católicas, o Estado Capitalista apoiou francamente o avanço do protestantismo com a finalidade, em termos gerais, de obter deste apoio como ideólogo de um Estado sem revoluções. Isto é claramente verificado no

⁵⁸ Apud. PANITCH, 1980, p. 160.

⁵⁹ Apud. PANITCH, 1980, p. 160.

⁶⁰ Cf. HOBBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

⁶¹ Cf. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã (Feuerbach)*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991. Ver também: MARX, Karl. *O Capital (Crítica da Economia Política)*. Livro 1: O processo de produção do capital. 7ª ed. DIFEL Difusão Editorial S.A., 1982. vol. 01.

Iluminismo de John Locke, para quem os seres humanos vieram do Estado de Natureza, onde não havia governo. No Estado de Natureza todos os indivíduos mantinham, como grupo, o direito de executar a justiça contra quem infligiu a lei da natureza – não há, portanto, necessidade de chefes. A este Estado se opõe o Estado de Guerra que, ao contrário do primeiro, a vingança não é executada contra quem sofreu a ação danosa do outro, mas por um grupo representativo que a executa com vista a extirpar o mal que pode atingir, futuramente, a si próprio.⁶²

Em se tratando do Estado de Natureza em que os seres humanos viviam sem o Estado, Locke dá-nos a visão de que a revolução contra um Estado vigente se dá na formação de outro Estado, de acordo com as associações que os indivíduos interessados possam desejar; assim que a revolução se dá, a quem interessar possa, na formação de um outro Estado, ou seja, na manutenção do mesmo sistema com faces diferenciadas.

Desta forma, o primeiro idealizador de um Estado iluminista francamente apoiado nas concepções protestantes, John Locke (levando-se em consideração que outros idealizaram as bases deste pensamento como Lutero, Melancton, Zwingli etc., mas não tiveram a intenção de abrir escola de pensamento sobre política), desfavorece amplamente a superação do Estado Capitalista, podendo este, no máximo, ser substituído por outro que tenha a mesma natureza.

Para Louis Althusser o protestantismo, como toda religião, é um aparelho ideológico do Estado. Tratando do que são aparelhos ideológicos do Estado, Althusser assim explica:

Eles não se confundem com o aparelho (repressivo) do Estado. Lembremos que, na teoria marxista, o aparelho de Estado compreende: o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc., que constituem o que chamaremos a partir de agora de aparelho repressivo do Estado. Repressivo indica que o aparelho de Estado em questão 'funciona através da violência' – ao menos em situações limites [...]. Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.⁶³

Os aparelhos ideológicos do Estado funcionam, segundo Althusser, através da ideologia. Esta ideologia, embora diversificada nos diversos ramos da religiosidade e, em especial (aqui contemplado) do protestantismo, está unificada

⁶²CF. LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁶³ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 9ª ed. São Paulo: Graal, 2003, p. 68.

por alianças nos âmbitos sociais que constituem a classe dominante. “Nenhuma classe pode, de forma duradoura, deter o poder do Estado sem exercer ao mesmo tempo sua hegemonia sobre e nos aparelhos Ideológicos do Estado”⁶⁴.

A estes aparelhos cabe o papel de domesticar a classe expropriada apresentando todos estes aspectos como naturais, vontade divina, karma, etc. Assim, a função do protestantismo dentro deste sistema é de reprodução das relações de produção.

Ainda sobre a ideologia religiosa cristã Althusser afirma que o discurso do lugar que o indivíduo deve ocupar no mundo o faz caminhar lentamente para sua sina sem indagar, questionar ou revoltar; leva-se em conta que a vida é mesmo um vale de lágrimas e que se o indivíduo ocupar seu lugar com resignação obterá por fim um ‘bom lugar do outro lado da vida’.⁶⁵

2.1.1 Protestantismo, Ideologia e Teologia da Prosperidade

Segundo Arthur Cecil Pigou (1968), o capitalismo de hoje é um sistema em que a

Maior parte dos recursos produzidos estão empregues em industrias capitalistas, isto é, em que os instrumentos materiais de produção são propriedade de particulares, estão arrendados a particulares, ou são utilizados, segundo as circunstâncias, para vender lucro, os bens e os serviços para cuja produção contribuem.⁶⁶

Pode-se definir o capitalismo como um sistema de livre iniciativa de economia de mercado. Não se pode considerar a definição, no entanto, apenas economicamente, mas também em seu aspecto sociológico, como um sistema socialmente organizado e profundamente enraizado na sociedade na qual tem prevalência.

A origem do capitalismo remonta ao mais antigo modelo econômico das civilizações. Ou seja, a ideia de lucro utilizando o produto, o meio de produção e a expropriação do tempo e da força de trabalho de outro já permeava as sociedades,

⁶⁴ ALTHUSSER, 2003, p. 71.

⁶⁵ ALTHUSSER, 2003.

⁶⁶ Apud. FANFANI, Amintore. *Capitalismo, catolicismo, protestantismo*. Lisboa: Áster, 1968, p. 13.

mas estas ideias de interesse pessoal não podem ser tidas como capitalismo estabelecido como sistema tal como hoje conhecemos, já que o modelo aplicado não considerava as práticas econômicas, como cálculos prévios de estimativa de lucro, como meio de existência. O capitalismo como sistema propriamente dito surgiu no Século XV, mas já florescia, segundo Amintore Fanfani, antes disto em Florença, na Itália desde o Século XIV e em Veneza desde o Século XI. Mais progressivamente o capitalismo estabeleceu-se nos países ditos desenvolvidos da Europa desde o Século XVIII, quando então expandiu como o conhecemos hoje, principalmente a partir da Revolução Industrial.

Deste regime seria correto afirmar que é um regime de atividade econômica baseada no princípio do lucro de uma pequena parcela da sociedade que se configura como classe dominante, tentando impedir qualquer resistência a esse modelo; é um regime que exalta a iniciativa pessoal e a busca constante de novidades técnicas que lhe tragam benefícios materiais: a acumulação de riquezas. Este regime incentiva as inovações para a máxima mobilidade do capital, o aproveitamento da força de trabalho de forma lucrativa através da expropriação do mesmo, tendendo a subordinar a vida pública à econômica.

Para Louis Althusser o sistema capitalista é sustentado, nos seus aspectos injustos, por uma ideologia. Por aspectos injustos do capitalismo entende-se, para Althusser, as desigualdades sociais, fator endêmico ao capitalismo. Tais desigualdades interessam àqueles que pertencem às classes privilegiadas da sociedade, ou seja, os que detêm mais capital. É concebível que “a democracia política na prática é compatível apenas com uma economia de mercado”⁶⁷. Trata-se, portanto, de níveis de desigualdade, oportunidades de ascensão social, benefício para a maioria e benefícios compensatórios, como na linguagem de John Rawls “as desigualdades econômicas e sociais, como as da riqueza e do poder, são justas apenas se produzem benefícios compensatórios para cada um e, em particular, para os membros menos favorecidos da sociedade”.⁶⁸

Para Mannheim, o marxismo ‘viu claramente que por trás de toda doutrina se encerra a consciência de uma classe. Esse pensamento coletivo, que procede de acordo com determinados interesses e situações sociais, Marx o chamou de ideologia’. Em Marx, a ideologia é um pensamento subvertido

⁶⁷ Apud. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*. v. 03. São Paulo: Paulus, 2004, p. 251.

⁶⁸ RAWLS, John. *Uma Teoria Da Justiça*. São Paulo: Martins fontes, 2000, p. 333.

(não são as ideias que dão sentido a realidade, mas sim a realidade social que determina as ideias morais, religiosas, filosóficas etc.) e distorcido (o burguês, por exemplo, propõe suas ideias como universalmente válidas, embora elas sejam somente a defesa de interesses particulares), que tende a justificar e manter uma situação de fato.⁶⁹

É neste sentido que a classe burguesa se apropria também de aspectos do discurso protestante como ideologia de manutenção de sua posição social na desigual sociedade de classes nos dias atuais, embora não seja exclusividade protestante tal ideologia.

De acordo com Max Weber, o capitalismo possui um espírito, ou seja, uma essência. O espírito capitalista, para Weber, seria o espírito econômico atuante no ser humano desde tempos remotos, com maior ou menor força e profundidade, em razão das circunstâncias que o cercam e que tomou forma e força com o advento do protestantismo na Europa, mais tarde, na civilização ocidental e hoje em todo o mundo⁷⁰. Esta definição de Weber foi questionada, pois o capitalismo não pode ser considerado como tal antes da chamada Era do Capital por Eric Hobsbawm⁷¹, embora se verificasse alguma evidência do mesmo anteriormente, o capitalismo era, antes da Era do Capital (1848-1875), embrionário.

“O caráter primordial do espírito capitalista consistiu no uso ilimitado dos meios de aquisição de riqueza, considerados moralmente lícitos e economicamente úteis”⁷². Mas o capitalismo ainda tem uma característica muito comum: a tendência em força elevada de fazer valer seus interesses (da pessoa) em despeito do outro, com a ideia ilimitada de aquisição maior para gozo próprio. Naturalmente, apenas pequena porcentagem da população poderá desfrutar das benesses do capital, já que o mesmo é limitado, possui estoque limitado. Se distribuído de forma mais igualitária seria o suficiente para sobrevivência de toda população, mas com a acumulação por parte de pequena parcela da população invariavelmente o capitalismo produz a grande quantidade de pessoas abaixo da linha da pobreza, nas condições materiais de existência as mais precárias.

Para Max Weber, nos países com duas confissões os postos de comando eram, majoritariamente, ocupados por protestantes que também mantinham escolas

⁶⁹RAWLS, 2000, p. 23.

⁷⁰CF. WEBER, Max, 2001.

⁷¹CF. HOBBSBAWN, 2012.

⁷²FANFANI, 1968, p. 32.

técnicas, ao passo que nos países onde predominava a fé católica as escolas eram, em sua maioria, de educação voltada para a área humanística.

O fato de a percentagem de católicos entre os estudantes e os formados nos institutos de ensino superior ser geralmente inferior à proporção vigente da população total pode ser explicado em termos de diferenças herdadas de riqueza. Mas, que entre os próprios formados católicos a percentagem dos oriundos de institutos 'modernos', especialmente dos de preparo para estudos técnicos e ocupações comerciais e industriais e, em geral, para a vida comercial da classe média [...] seja muito inferior à dos protestantes [...] é uma das razões pelas quais tão poucos católicos estejam interessados na empresa capitalista.⁷³

Weber afirmou ainda que a atividade capitalista é compatível e apareceu, com maior força, com a teologia calvinista que afirma que o ser humano vem à terra com uma vocação e que nesta vocação deve exercitar sua vida. Também sustenta que o calvinismo influenciou diretamente o capitalismo, tendo como base que João Calvino aludiu à ideia de prosperidade como marca do favor divino e, inclusive, foi favorável à usura, tão necessária ao pleno desenvolvimento do capitalismo. Portanto, a pessoa vem à terra com a vocação empresarial, por exemplo, em qualquer nível ou ramo de atividade que seja, deve exercitar nisto sua vida, procurando obter o máximo de lucro como uma das marcas do favor divino ao indivíduo. Essa concepção de riqueza e trabalho não está fortemente vinculada aos pais da Igreja Reformada. Max alude a esse fato da seguinte forma: "O velho protestantismo de Lutero, Calvino, Knox [...] quase nada tinha a ver com o que hoje denominamos progresso".⁷⁴

Weber concebe que o protestantismo ao pregar a limitação do consumo (primariamente) e na ideia de vocação favoreceu e estimulou o lucro. Também a libertação do ser humano do trabalho como um castigo imposto aos seres humanos por Deus, ou seja, o trabalho com inspiração religiosa, mas movido por lucro, facilitou o ideal de prosperidade, o capital, instrumento de afirmação capitalista. Desta forma, para este pensador, o puritanismo calvinista foi fator preponderante para o surgimento do espírito capitalista.

Vários foram os fatores catalisadores para o crescimento do capitalismo, mas não se pode deduzir que apenas estes fatores foram decisivos para o surgimento do mesmo e para sua plena expansão. Notadamente o espírito

⁷³WEBER, 2004, p. 20.

⁷⁴WEBER, 2004, p. 24.

capitalista foi fomentado pela teologia da prosperidade embrionária em Calvino, que influenciou toda sociedade ocidental e, posteriormente, todo o mundo, compreendendo a aquisição de lucro em sua maior expansão, o capitalismo como sistema instituído e o capital como recurso de uma classe dominante dificilmente detectada corretamente devido aos aparelhos ideológicos com que a mesma para si aparelhou através do Estado.

A ideia capitalista teve maior sustentação, principalmente a princípio, a partir da Reforma Protestante, em especial, a partir do Iluminismo, já que a prática capitalista é definida pelo constante uso da razão como meio para obtenção de lucros. Notadamente há contradição entre o âmbito teológico para o âmbito institucional. Para Amintore Fanfani mesmo a ideia de vocação no protestantismo já existia antes da Reforma. Para ele uma grande contribuição do protestantismo foi defender a inexistência das relações entre as ações terrenas e o prêmio eterno. O principal movimento articulador, portanto, do capitalismo foi a Renascença e a classe burguesa mais sujeita à influência capitalista; não foi, como afirma Weber, impulsionada pela Reforma, mas a Reforma foi impulsionada pela Renascença devido aos seus ideais de liberdade econômica, desfavorecida pelos feudos. A classe burguesa, esta sim, teria apoiado a Reforma, pois encontrou nesta a possibilidade de afirmar seus ideais que mais tarde passaram a fazer parte do eixo religioso protestante. Mesmo hoje o protestantismo tende sensivelmente para o capitalismo, o que significa que a Teologia da Prosperidade é claramente verificada no protestantismo histórico do qual o pentecostalismo é derivado, mas é no neopentecostalismo que tal teologia atinge seu ponto culminante. O capitalismo como sistema tomou força no Brasil ainda mais especificamente a partir de meados do século passado, quando as cidades cresceram enormemente devido ao êxodo rural, o país se tornou mais industrializado e a sociedade ainda mais voltada para o mercado e para os bens de consumo como estratégia de distinção social. Tal fenômeno colocou o Brasil na lista dos países em desenvolvimento.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera da influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje.⁷⁵

⁷⁵HOLANDA, 2012, p. 34.

2.1.2 O bem como símbolo

No Brasil tal concepção apresentada anteriormente já é verificada no protestantismo histórico (igrejas Presbiterianas, Batistas, Congregacionais etc.) que tem em seu fundamento uma forte teologia como teoria sistematizada que faz parte de seu credo de fé. Ainda que algumas comunidades não sejam rigidamente dirigidas por esse credo, este conjunto de crenças permanecem como fundamento geral para as diretrizes da comunidade e como norma de regra e conduta. O mesmo acontece nas igrejas pentecostais mais antigas, tais como Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Seu forte conjunto de crenças e valores permanecem com pequenas alterações regionais e de comunidades, um sistema que faz parte dos elementos fundamentais pertencentes à estrutura da comunidade.

No neopentecostalismo tal sistema de crenças e valores é bem mais flexível, seguindo um fluxo extremamente volúvel das tendências de variações sociais, elementos simbólicos da mentalidade de mercado e demandas do sistema capitalista, que cria nos indivíduos necessidades próprias de um universo simbólico comum, de acordo com o mencionado anteriormente, a ideologia capitalista.

Os estudiosos do fenômeno religioso no Brasil são unânimes em afirmar a existência de um substrato religioso-cultural brasileiro, ou seja, de uma mentalidade religiosa média dos brasileiros. Trata-se de uma complexa interação de ideias e símbolos religiosos que se amalgamaram e se fundiram ao longo dos séculos. Essa matriz religiosa é uma representação coletiva que ultrapassa até mesmo a situação da classe onde as pessoas se encontram. A configuração da matriz religiosa brasileira se deu pela confluência de seis grandes vertentes: 1) Catolicismo ibérico e a magia europeia; 2) As religiões indígenas; 3) As religiões africanas; 4) O protestantismo histórico; 5) O espiritismo europeu; 6) O catolicismo romanizado⁷⁶.

Pode-se então afirmar que o sucesso de uma proposta religiosa no Brasil vai depender diretamente da sua relação explícita ou implícita com essa matriz; caso haja um distanciamento dessa matriz poderá haver um esvaziamento ou até esgotamento de tal proposta.⁷⁷

⁷⁶CF. BITTENCOURT FILHO, 2003.

⁷⁷BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 31, 32.

A IURD representa ponto culminante deste processo. Se apropriando do universo cosmológico da religiosidade geral brasileira e das demandas naturais do capitalismo e dos fluxos de mercado, a IURD não tem um conteúdo teórico próprio, nem mesmo de origem na mentalidade religiosa do brasileiro comum que seja mais convenientemente sistematizado ao molde do catolicismo romano e protestantismo histórico. Seu conteúdo teórico é extremamente flexível e tais variações são grandes no decorrer do tempo, seguindo tendências da mentalidade comum de mercado. Assim afirma o fundador da Igreja Vida Nova, instituição à qual Edir Macedo se vinculou antes da IURD:

A nossa teologia está em fluxo constante. Está sendo formulada e reformulada à medida que o Espírito Santo revela o senso mais profundo das Escrituras [...]. A contribuição pentecostal à Igreja de Jesus Cristo não é na área da teologia sistemática [...]. A experiência pentecostal, acontecendo em situações culturais as mais diversas, simplesmente não permite uma formulação rígida, nem credo, nem da prática do pentecostalismo.⁷⁸

A lógica própria do capital está presente na mentalidade geral iurdiana, de tal forma que tal religiosidade reproduz de maneira evidente a mentalidade geral dos desejos comuns da sociedade de mercado. Pertencer à IURD significa, portanto, ser patrão e não empregado; ser “cabeça e não cauda”; estar por cima e não por baixo. Evidentemente, tal compreensão significa vinculação direta à comunidade de fé iurdiana.

O bem, portanto, para a IURD, também é representativo, consistindo em reproduzir uma tendência geral de desejo social criado dentro do sistema capitalista, na ótica mesmo da ética protestante, na linguagem de Weber; a IURD talvez seja o ponto culminante desta realidade na sociedade brasileira. Pode se ver, por exemplo, na publicidade da Rede Record de televisão, uma propaganda que apresenta uma senhora já na terceira idade que, caminhando com segurança em uma empresa de senso estético elevado, dá ordens aos seus funcionários. Dali prossegue para sua própria residência em um automóvel de luxo. Sua residência é grande, com belo jardim. Lá se apresenta sua família, todos muito felizes e bem sucedidos. O marido acaba de chegar de uma aula de tênis, pois usa roupas próprias desta atividade física mais específica das classes mais elevadas. Apresentam-se filhos e netos da

⁷⁸CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997, p. 286.

senhora, todos ricamente vestidos e felizes. Ao final, aquela senhora se define como: "... esposa, mãe e avó, empresária; a Universal".⁷⁹

É evidente que o discurso da IURD em meios televisivos se apresenta como uma clara tendência à teologia da prosperidade. Essa teologia sói ocorrer no sistema capitalista e como reflexo de uma sociedade de mercado. A ideologia, tal como compreendida no marxismo, do capitalismo oculta as contradições próprias do capitalismo e das contradições próprias do sistema social daí decorrentes. O que ocorre na IURD é que a ideologia capitalista se traveste ali de linguagem religiosa própria, que apresenta o deus da IURD como um solucionador de problemas sociais que já não possuem uma causa social, mas espiritual. Tais problemas são causados por espíritos maus e podem ser exorcizados pelo poder de Deus presente no líder e que representa como que um patrimônio específico e exclusivo do clero iurdiano. Tal poder está disponível àquele que usa a sua fé, vinculando-se à comunidade ou frequentando suas reuniões de novenas e campanhas ou sessões.

Aqueles que exercem sua fé de maneira prática, dispendo-se a sacrifícios que representam sua fé e na medida mesma desta fé, recebem a bênção à moda capitalista, de uma sociedade de mercado. Ser abençoado, portanto, significa ter saúde, morar em uma mansão, andar de carro de luxo, vestir roupas caras, ser bem casado etc. Enfim, toda riqueza desta terra Deus tem para os seus filhos e não para os filhos de Seu inimigo. Deus, portanto, é um símbolo do bem na lógica da sociedade de mercado e o diabo o símbolo do mal sob o mesmo ponto de vista. Tal bem, na sociedade de mercado está vinculado à capacidade e potencialidade de consumo e tal mal à falta desta capacidade. Deus está visivelmente interessado em prover aos seus filhos acesso aos bens de consumo do mercado capitalista, favorecendo aos mesmos status social que seja correspondente à essa capacidade de consumo. Ser cabeça significa pertencer à classe social que tem acesso aos bens de consumo. Na linguagem marxista, ser da burguesia.

De fato, o método usado por determinados movimentos religiosos leva as pessoas à suspensão total da atitude racional e dá muita ênfase ao espetacular, ao jogo emocional, ao transe, às possessões diabólicas, favorecendo a passividade diante das injustiças do sistema sócio-político-religioso e, portanto, a manipulação por parte dos grupos politicamente e socialmente dominantes.

⁷⁹Igreja Universal: IURD TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwGizHCqvdk>>. Acesso em: 19 out. 2016.

O que podia ser sinal de libertação e de vida para as pessoas pode se tornar mero instrumento de escravidão. Neste sentido se entendem muitas das críticas feitas à religião [...].⁸⁰

No atual contexto brasileiro a maioria das expressões religiosas parece cair na tentação de concorrer com as outras. É a tentação da funcionalização da religião: tornar-se simplesmente uma prestadora de serviços religiosos à sociedade, esvaziando, assim, a sua dimensão de instância interpeladora. Isso aparece com muita força na chamada “teologia da prosperidade” através da qual as religiões vão prestando serviços de acordo com as necessidades dos fiéis.

Pode acontecer então o que Cristian Wolff chama de “religião sem o humano”, ou seja, a substituição das reais necessidades das pessoas por bens apenas simbólicos. Esta forma de religiosidade interessa aos sistemas injustos porque não oferece a possibilidade de um confronto entre as exigências éticas e as práticas econômicas, sociais e políticas que ameaçam a vida. Desse modo a religião contribui para que não haja responsabilidade social, reforçando e alimentando a exclusão social e não incentivando a solidariedade. A religião que opta por esse caminho realça excessivamente a dimensão do divino, mas termina “dando as costas para o humano”.⁸¹

2.2 O mal como símbolo

A teodiceia dualística, conforme já mencionado anteriormente, pertence à mentalidade da religiosidade popular brasileira de forma generalizada. Tal concepção é apropriada pela IURD como conteúdo conceitual e utilizado na sua prática litúrgica. A IURD é, portanto, iminentemente prática, valorizando o que funciona, do ponto de vista do proselitismo e da frequência às suas reuniões. Pierre Sanchis, ao falar do catolicismo e suas relações com as religiões afrobrasileiras, o que vale, reservadas as devidas proporções, à IURD, afirma que

Tal intercomunicação entre os sistemas simbólicos permite reinterpretações e inversões valorativas, as mesmas que vão doravante qualificar as relações no interior do campo religioso: orixás viram santos, anjos viram demônios, santos, ídolos, o Espírito, uma entidade entre outras. Mas ela

⁸⁰ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 99.

⁸¹WOLFF, Elias. *Humanismo e religião*. In: BENTO, Fábio Régio (organizador). *Cristianismo, humanismo e democracia*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 223 – 224.

permite também que se estabeleça um clima cultural, especialmente nos instrumentos da comunicação de massa, onde tudo é plausível – tudo vale, porque suscitará de antemão receptividade e simpatia – em termos de mundo encantado/assombrado.⁸²

Portanto, seu universo cosmológico é extremamente simples, dividido em duas partes antagônicas e que se digladiam, fator evidentemente comprovado na sua versão de Os Dez Mandamentos, exibido pela Rede Record de televisão. Nesta série se apresenta Deus como uma força antagônica mais poderosa que os Deuses da teodiceia egípcia da época. A guerra espiritual se fez nas dez pragas que Deus enviou ao Egito, cada uma destruindo a honra, o poder e a divindade de uma entidade local específica. Para a IURD, Deus está em guerra espiritual com as outras entidades que pretendem divindade. Afirma José Rubens L. Jardimino: “Um dos encaminhamentos para explicar o fenômeno gira em torno da ‘Guerra Santa’”.⁸³

Na sociedade brasileira tais entidades que pretendem divindade (no conceito iurdiano) são pertencentes ou ao universo católico romano de santos que, ainda que não pretendam divindade possuem algum poder de ação na vida dos crentes, ou ao universo cosmológico das religiões afro-brasileiras, que são entidades que pretendem divindade, sendo, portanto, o principal alvo de ataques do discurso da IURD. Para Pierce esses fenômenos são culturais (compreendendo a cultura conforme os pressupostos mencionados anteriormente) como sistemas de significação. Grande parcela da população brasileira, na tentativa de encontrar uma significação para sua existência e o mundo que o cerca, optou culturalmente por um dualismo simplista amplamente utilizado no neopentecostalismo posterior. Trata-se pois, também de um processo de significação, representação, conceito e ideia do ser e estar no mundo.⁸⁴

Deus, pois, sendo o bem (ou estando a serviço do bem), está disponível na IURD. O mal, à lógica de o oposto na guerra de deuses, pertencente à religiosidade geral que não faz parte do universo cosmológico da IURD. Todos os problemas causados às pessoas individualmente, tais como doenças físicas, todos os problemas de ordem social, tais como vícios, promiscuidade sexual, e todos as demandas não atendidas que fazem parte da sociedade de mercado, são de ordem

⁸²SANCHIS, Pierre [org.]. *Catolicismo: cotidiano e movimentos*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 33.

⁸³JARDILINO, José Rubens L. *Sindicato dos mágicos*. São Paulo: C.E.P.E, 1993, p. 16.

⁸⁴ CF. RIBEIRO, Emílio Soares. *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*. Revista estudos semióticos. vol. 6, no 1, p. 46 –53. Jun. 2010.

espiritual na lógica da guerra de deuses e, portanto, pertencem ao universo espiritual das religiões que possuem universo teórico diferente, seja do universo católico romano, cujo fato conhecido como “chute da santa”, ocorrido na década de 1990 na Rede Record de televisão, protagonizado pelo bispo Von Elder, claramente o demonstra, seja das religiões afro-brasileiras e da Umbanda, principais alvos de ataques no discurso iurdiano. “O culto é a hora da libertação. Este momento começa com a grande oração de Fé e Poder feita pelo pastor, que se apresenta como aquele que tem poderes para invocar e ‘despachar’ as ‘entidades do mal’”.⁸⁵ Enfim, tudo é traduzido na linguagem religiosa própria da IURD. “A recepção se dá de forma criativa: tudo o que se transmite, muda”.⁸⁶

Os brasileiros, de um modo geral, elaboram um processo de reapropriação, de reinterpretação, de reinvenção de conteúdos. Adotam um elenco de crenças e de comportamentos religiosos, independentemente do grau de consciência que têm de tais crenças e comportamentos. Por isso é muito comum uma forte procura por experiências religiosas sem muita preocupação com uma pertença formal a uma religião ou confissão religiosa. Assim sendo, o trânsito religioso, isto é, a passagem constante de um grupo religioso para outro, a troca de espaços e de estilos de religiosidade, está na ordem do dia. Do mesmo modo cresce a múltipla pertença, ou, pelo menos, a busca por experiências religiosas em lugares diferentes.⁸⁷

Faculdade Unida de Vitória

Vale ressaltar que a IURD no Brasil só pode ter existência compreendida dentro do escopo religioso geral brasileiro, se compondo de uma ideia dualista entre a cosmologia cristã protestante, de um lado e a cosmologia católico-romana, afro-brasileira e umbandista, de outro. Toda a visão geral da teodiceia da IURD está assim dividida entre o bem, a teodiceia da IURD e o mal, a teodiceia que não pertence à IURD (uma profunda readaptação da visão de mundo dos povos europeus que aqui desembarcaram no início da colonização do Brasil. Conforme já mencionado, todo o universo não europeu era demonizado), sendo o mal compreendido, dentro desta visão, de forma diretamente vinculada ao malefício causado ao indivíduo.

[...] se a análise desse fenômeno permanecer apenas nesse nível, estaremos estudando tão somente uma igreja arcaica, que insiste em falar

⁸⁵JARDILINO, 1993, p. 29.

⁸⁶PROENÇA, 2006, p. 41.

⁸⁷STEIL, Carlos Alberto. *Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Organizadores). *O futuro da Religião na sociedade global*. Uma perspectiva multicultural, p. 7-16. 2008. p. 16.

de forças espirituais boas e más, que constantemente interrompem o andamento da vida cotidiana das pessoas; em práticas de curas, tal como faziam antigos taumaturgos, curandeiros ou xamãs, usando-se, para isso, práticas semi-mágicas e exorcistas; em mandar as pessoas de volta para casa, levando talismãs carregados de energias 'benéficas', direcionadas à solução dos casos mais difíceis, como a falta de prosperidade e sucesso na vida.⁸⁸

2.2.1 A apropriação de divindades afros

Pensadores do início da Idade Moderna trataram com recorrência do fenômeno da dessacralização e do desencantamento do mundo após o fim do medievo. Tal fator estava intrinsecamente associado ao desenvolvimento científico, às descobertas de novos mundos devido às grandes navegações, à Revolução Industrial entre outros, o que resultou em uma espécie exagerada talvez de otimismo em relação ao viver humano no âmbito social e físico.

A ideia prevalecte era que o desenvolvimento científico acabaria por resolver todos ou quase todos os problemas humanos mais verificáveis; problemas sociais seriam resolvidos pela gestão consciente da "coisa" pública democraticamente efetuada; problemas na saúde seriam satisfatoriamente resolvidos em grande extensão pelos avanços da medicina; problemas de violência coletiva (exemplo: as guerras) seriam corretamente minimizados através da comunicação e integração eficazes entre os povos etc. Enfim, a ciência haveria de dar respostas satisfatórias à maioria dos grandes problemas gerais da humanidade, provendo integração, harmonia, paz, ordem e progresso.

No entanto o Século XX, chamado por Eric Hobsbawm de a Era da Barbárie⁸⁹, foi violentamente sacudido logo no início com a Primeira Guerra Mundial, seguida pela Segunda Guerra Mundial, a mais violenta das guerras. Seguiu-se a tais fatores um mundo totalmente dualizado entre potências nucleares, os EUA capitalista e a URSS socialista. Tal mundo dualizado entre essas potências totalmente rivais causou um descrédito ao desenvolvimento da ciência como meta narrativa capaz de responder aos problemas humanos mais intrínsecos. A sociedade pós Guerra Fria não abandonou aos avanços tecnológicos, ao contrário,

⁸⁸CAMPOS, 1997.p. 20, 21.

⁸⁹CF. HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

se apegou a estes instrumentalmente, não mais como explicações para o sentido de vida. Esse fenômeno foi grandemente explicitado por Zygmund Bauman no que este chamou de Modernidade Líquida.⁹⁰

No Brasil talvez esses fenômenos de desencantamento nunca foram tão fortes como na Europa, por exemplo. Tendo o Brasil uma origem fortemente vinculada aos variados povos indígenas que aqui viveram por longos séculos sem contato com os avanços científicos nos moldes da sociedade ocidental e o mesmo ocorrido com muitos dos povos africanos que aqui desembarcaram, o povo brasileiro sempre foi muito mais religioso e místico (espiritualizado) que muitos dos povos europeus. Provavelmente o pentecostalismo brasileiro seja o ponto culminante desta visão mística do mundo material, do qual a IURD seja, talvez, onde tal realidade seja mais claramente visualizada, de tal maneira que Leonildo Silveira Campos considera esse fenômeno um reencantamento do mundo, sendo a IURD, conforme mencionado anteriormente, uma religião em certo sentido arcaica e primitiva.

[...] o neopentecostalismo faz brotar de um tronco matricial, onde se misturam tradições 'pagãs', católicas, afro-brasileiras, judaicas e protestantes, uma forma aparentemente original [...] de se cultuar a Deus. Daí, a influência de antigos cultos da natureza, a atração pelos *topos* sagrados, lugares altos, cachoeiras e praias [...] inesgotáveis fontes de símbolos e mitos.⁹¹

Obviamente toda religião em seu início se apossa de todo um contexto religioso a ela precedente, dando a tal contexto significado próprio. O cristianismo, por exemplo, em seus primórdios, se apropriou de todo um calendário religioso do panteão romano, que já tinha, por sua parte, absolvido grande parte do contexto religioso grego, de tal maneira que a expressão bíblica “não há nada novo debaixo do céu” também se aplica à religiosidade em geral.

Como o pentecostalismo é um fenômeno ressentido na história moderna tal realidade se verifica claramente em ocorrência nos dias atuais, sendo especificamente verificado também na IURD. Para citarmos como exemplo a reinterpretação que das entidades da religiosidade afro-brasileira faz a IURD.

⁹⁰CF. BAUMAN, Zygmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, 258 p.

⁹¹CAMPOS, 1997, p. 73.

Com sua magia perversa (as religiões afros chamadas neste artigo de macumba) exerce influência maligna nos quatro cantos do país. Milhares de pessoas em todas as classes sociais recorrem a seus sortilégios.⁹²

Na pesquisa de Ronaldo Almeida, verifica-se a narrativa de uma oração de um pastor listando um grande número de possibilidades de “trabalhos” feitos contra os fiéis e algumas formas de atuação dos demônios:

Você, espírito que foi pago no cemitério, que ganhou sangue de galinha. Larga este corpo. Você que ganhou ‘trabalho’ na cachoeira, na pedreira, na praia, na encruzilhada. Você que foi mandado por aquele pai-de-santo, aquela mãe-de-santo. Você que está na criança. O Erê que está na criança. Você ganhou doce, bala, ganhou mel. Sai daí! [...] O demônio que está colocando o medo. O demônio que vem causando a dor de cabeça constante. O espírito da morte que coloca o desejo de suicídio. O demônio da opressão, da angústia, da tristeza [...] É com você que eu estou falando.⁹³

Para a IURD não há uma totalidade complexa da realidade da presença do mal no mundo. O mal é provocado por espíritos, mas não quaisquer espíritos. Os espíritos são, de certa forma, especializados e direcionados especificamente para determinados alvos: problemas relacionados à sexualidade são causados pela Pomba-gira; problemas relacionados à finanças, Exu Tranca-Rua; risco de morte, Exu Caveira, etc., de tal forma que há um reencantamento do mundo sob nova perspectiva, sempre com tendências maléficas, de tal forma que se faz questionar a inexistência de um reencantamento da mesma ordem por entidades que poderiam promover o bem. Seguem abaixo algumas das reinterpretações que a IURD faz do panteão de algumas religiões afros:

(1) Pomba-Gira é uma entidade espiritual de um dos cultos africanos de Angola, trazido para o Brasil pelos escravos de origem *bantu*. Com o tempo a entidade construiu um arquétipo de mulher liberada, exibicionista, provocante, e livre das convenções sociais e passou a ser chamada de pomba gira. Segundo a umbanda a pomba gira é um espírito da luxúria, sendo que todos os prazeres desse mundo lhes são agradáveis.

Segundo alguns sacerdotes, a pomba gira é um espírito de mulheres que em vida foram prostitutas, ou mulheres ligadas aos prazeres das coisas carnais, e que

⁹²FOLHA UNIVERSAL. *Macumba, religião ou folclore?* Rio de Janeiro: Universal Produções, 14 set. 2005.

⁹³ALMEIDA, 2009, p. 85

ao morrer se transformaram em entidades espirituais que voltaram para evoluir ajudando os outros. A pomba gira é especializada em amor e relacionamentos por ser a orixá do trono do desejo e dos estímulos. É vista como a personificação das forças da natureza, que equivale à força feminina de Exu – orixá guardião do comportamento humano, das casas, das aldeias etc.⁹⁴

Na IURD essa entidade é assimilada e reinterpretada como um espírito mal, à lógica da perspectiva cristã, sendo considerada como uma entidade maligna, um demônio especializado em causar prostituição, relacionamentos extraconjugais, homossexualismo (que na IURD é considerado um mal, um pecado)⁹⁵ e outros males semelhantes.

A pomba-gira [...] diz fazer o adolescente gostar de homem. O pastor agora volta-se para uma das câmeras de televisão que está filmando o culto e condena o homossexualismo, afirmando não se tratar nem de uma doença nem de uma opção sexual, mas tão somente de um espírito que causa a atração por uma pessoa do mesmo sexo; no caso, a pomba-gira.⁹⁶

Ainda ontem, nós oramos por uma moça que manifestou um espírito de Pomba-gira. Nós perguntamos [para o espírito] como ele estava desgraçando aquela vida. Ele disse: 'Eu fiz ela perder a virgindade. Eu faço ela sair com um monte de homens'.⁹⁷

(2) O mesmo se dá com Exus Tranca Ruas, compreendido como entidades de luz na religião umbandista⁹⁸ como chefes subordinados a Ogum, outra entidade da mesma religião. Para a Umbanda, essas entidades abrem ou fecham os caminhos dependendo da necessidade. Não se trata de apenas uma entidade, mas de uma falange delas. São a essas entidades que se destinam todos os pedidos feitos nas encruzilhadas.

Na IURD essa entidade é considerada como um demônio responsável por “fechar as portas”, “amarrar a vida da pessoa”, impedir o progresso financeiro, pessoal, profissional e familiar:

⁹⁴7GRAUS. *Pomba-Gira*. Porto, s. d. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/pomba-gira/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

⁹⁵CF. GOMES, Edlaine de Campos (org.). *Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira*. Aparecida, Sp.: Ideias & Letras, 2009, p. 118 – 121.

⁹⁶ALMEIDA, Ronaldo. *A igreja universal e seus demônios*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 90.

⁹⁷ALMEIDA, 2009, p. 83.

⁹⁸F.I.E.T.R.E.C.A. *Exu Tranca Ruas*. Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <<http://www.exutranca.ruas.com.br/trancaruas.html>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

Se existe algum espírito alojado em alguém... em algum corpo... em alguma vida... ele vai se manifestar [...] Você que se chama Exu Tranca-Rua, o Exu da Miséria. Você diz que é um espírito de luz. Você está acabando com essa pessoa. Manifesta! Sai desse corpo!⁹⁹

(3) Na Umbanda Exus Caveiras são entidades que representam o total despreendimento de vaidades, pois que caveira trata-se apenas da ossada e não das demais vaidades que vestem o ser humano. Também estão relacionadas à condução das almas quando despreendidas da matéria (desencarne). Como o Exu mencionado anteriormente, trata-se não apenas de uma entidade, mas de uma falange delas, com vários trabalhadores a seu serviço. Seu trabalho está relacionado ao combate das energias negativas, auxílio aos espíritos sem luz, embora também possam contribuir secundariamente na abertura de caminhos, dinheiro e amor¹⁰⁰. Na IURD Exu Caveira é reinterpretado como sendo uma entidade ou entidades causadoras de morte.

(4) Ibejís na Umbanda são entidade que protegem as crianças, orixás de amor e alegria¹⁰¹. Foram sincretizados como São Cosme e São Damião do cristianismo. Eram, segundo o catolicismo romano, santos católicos que viveram no oriente e que foram perseguidos pelo Imperador Diocleciano. Na Umbanda se considera que a eles se pode pedir proteção contra demandas e malefícios, proteção para crianças, especialmente as enfermas. Na IURD São Cosme e São Damião são considerados entidades malignas especializadas em causar malefícios à crianças. Por tal razão a ênfase em se 'livrarem' de tais entidades é dirigida aos pais, na tentativa de que aguçar os 'instintos paternos protetores' em relação à seus filhos.

A possibilidade de ser atingido por algum feitiço também ficou bastante evidente no período que antecedeu as comemorações do dia de São Cosme e São Damião. [...] o pastor do templo do Brás pediu que todos os fiéis trouxessem seus filhos à igreja naquele dia. Lá, foram distribuídos balas e doces 'consagrados' para que, acima de tudo, as crianças não comessem o que era oferecido por outros religiosos, a fim de evitar a contaminação do demônio.¹⁰²

⁹⁹ ALMEIDA, 2009, p. 84.

¹⁰⁰ CF. F.I.E.T.R.E.C.A. *Exu Tranca Ruas*. Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <<http://www.exustrancaruas.com.br/trancaruas.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

¹⁰¹ CF. PASSOS, Elizabeth Miriam N. *Cosme e Damião na Umbanda*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://umbandaestudo.blogspot.com.br/2008/09/cosme-e-damio-histria.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

¹⁰² ALMEIDA, 2009, p. 94.

Atenção, pais! Dia 27, muitas crianças atraídas e iludidas pelos supostos 'santos' conhecidos como Cosme e Damião, sairão às ruas em busca de doces e brinquedos, que foram oferecidos aos demônios.¹⁰³

Estes exemplos, embora resumidamente, podem fornecer uma ideia da compreensão do que seja o mal para a IURD. É, pois, na perspectiva de Guerra de deuses que a Universal compreende toda e qualquer interação com as religiões de origem afro, em especial da Umbanda e do Candomblé. No entanto, apesar de seu constante ataque a estas religiões, a Universal de forma inversa ratifica sua existência, sua realidade, sua potencialidade e sua veracidade. Torna-se, pois, “dois lados da mesma moeda”, visto que a existência da IURD pressupõe a existência das religiões de matizes afros e de seu poderio, ainda que maléfico.

[...] a permanente recepção de novos adeptos, provenientes em sua maioria de crenças folclóricas, mantém alimentado o repertório mágico iurdiano. É uma Igreja que se alimenta de outras manifestações religiosas brasileiras, das próprias representações que necessita combater.¹⁰⁴

Há, pois, um aspecto ambíguo de negação e continuidade, reinterpretando todas as compreensões da cosmologia destas religiões sob ótica da compreensão cristã do mal.

Não oramos a Deus pelos doentes e enfermos, nem pedimos para que ele liberte o oprimido! Absolutamente! Nós fazemos isto através da fé em nome de Jesus. Ordenamos a Satanás que deixe a criatura [...].¹⁰⁵

Um meio especialmente eficaz de o mal entrar na vida de uma pessoa, nesta perspectiva, seria a participação em qualquer culto afro. A libertação de semelhante mal seria a vinculação e participação na Universal, “daí serem frequentes expressões como estas: ‘Você precisa tomar a decisão’, sinônimo de ‘ir à Igreja’. Você ‘tem que ir ao templo’, ‘Vença o diabo, que não quer que você vá até a Igreja’, assim por diante”¹⁰⁶. Vejamos o testemunho de uma frequentadora da IURD mencionado na pesquisa de Almeida:

¹⁰³CAMPOS, 1997, p. 147.

¹⁰⁴PROENÇA, 2006, p. 223.

¹⁰⁵DOSSIÊ IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS CORPORATION. Rio de Janeiro: CEDI, 1994, p. 14.

¹⁰⁶CF. CAMPOS, 1997, p. 134.

Desde a infância, em companhia de minha avó, frequentava o Candomblé, a Umbanda e mesa branca. Com quatorze anos já era viciada em maconha, cocaína e crack. Na adolescência passei a prostituir-me para comprar drogas e roupas. Tentei o suicídio por diversas vezes. Conheci o Senhor Jesus e tive a vida transformada.¹⁰⁷

No protestantismo histórico a ênfase geral estava na conversão como forma geral de proselitismo. Tal compreensão de conversão enfatizava uma experiência que dependia de uma submissão de fé ao clero da instituição à qual se vinculava. Portanto, era uma experiência muito racional (no sentido de convicção da razão) muito mais que emotiva ou sentimental. Na Universal a conversão não é a tônica mais relevante, mas sim um ato secundário e superficial, no sentido em que compreendem o protestantismo histórico. A ênfase está na libertação das forças do mal na ótica mencionada anteriormente:

O culto é a hora da libertação. Este momento começa com a grande oração de Fé e de Poder feita pelo pastor, que se apresenta como aquele que tem poderes para invocar e 'despachar' as entidades do mal. A comunidade, o cantor e o pastor começam a chamar, pelos nomes próprios, as diversas entidades da umbanda e do candomblé. Quando estas se manifestam, a comunidade aumenta o volume de voz num canto e finalmente chega o momento de 'despachar o santo'; é a hora da libertação.¹⁰⁸

Obviamente que os elementos aqui considerados são generalizações de dados fracamente selecionados com vistas a uma compreensão geral do fenômeno estudado. Sobre tal método Pierce claramente considerava a aproximação possível, sendo os elementos considerados coletados “[...] uma colheita ou uma coleta de fruta da semente conhecida, não escolhida ou selecionada, mas suficientemente representativa”¹⁰⁹. Assim apresentamos como representativos os fatos mencionados acima, ressaltando as limitações de tais considerações.

¹⁰⁷ALMEIDA, 2009, p. 67.

¹⁰⁸JARDILINO, José Rubens L. *Sindicato dos mágicos*. São Paulo: C.E.P.E, 1993, p. 29.

¹⁰⁹SALATIEL, José Renato. *Pierce, Charles Sanders*. Leis da Natureza. São Paulo: Trilhas filosóficas: Ano III, número 2, jul-dez, 2010, p.136.

3 OS SÍMBOLOS NO NEOPENTECOSTALISMO: CASO IURD

O ser humano como ente possuidor de consciência se encontra diante de realidades da sua própria existência que ultrapassa os limites de sua simples compreensão. As questões mais fundamentais talvez sejam aquelas que digam respeito ao fim e finalidade de sua existência. Em outras palavras, este ente tem consciência de si e de estar no mundo ao mesmo tempo em que tem consciência de sua finitude e da morte: “Embora tenha se constituído... como estratégia para a vida e equipamento para a ação, a consciência ganhou, no decorrer da história da espécie humana, uma certa autonomia”¹¹⁰. Daí se deduz a angústia mais fundamental da existência, do ponto de vista existencialista, qual seja a sua finalidade, o seu lugar, seu valor, sua importância etc. no mundo¹¹¹.

Diante dos fatores mencionados anteriormente, o ser humano procura perceber e entender a complexidade de sua existência e finalidade no mundo, o que, necessariamente, implica mais em questões que em respostas significativamente satisfatórias. Surge, então, um sentimento de pequenez, de que algo transcende a existência humana, de que há algo, ou alguém, ou alguma coisa, qualquer que seja, que ultrapassa os limites da razão simples. Talvez seja diante da consciência de sua finitude que o ser humano mais se sinta diminuto diante da vida e do universo. Tal transcende é, pois, nunca totalmente exprimível e compreensível pelo fato de ser maior que as realidades individuais. De acordo com Mircea Eliade,

O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural.¹¹²

É essa realidade perene que propicia uma separação entre o mundo inteligível e o não inteligível, entre o mundo exprimível e o não exprimível, entre o

¹¹⁰CF. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 175.

¹¹¹CF. FALABRETTI, Ericson; OLIVEIRA, Jelson. *Filosofia: o livro das perguntas*. Curitiba: IESDE, 2011, p. 243-286.

¹¹²ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 12

mundo natural e o sobrenatural, entre o sagrado e o profano¹¹³. Surge assim uma forma simbólica, seja de vivenciá-la, seja de percebê-la, seja de exprimi-la.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas [...] não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque 'revelam' algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*. Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.¹¹⁴

Em virtude de o transcendente não ser totalmente compreensível, nem exprimível, apenas percebido pela simples intuição, conforme o afirma Husserl, toda forma de compreensão, de expressão, de assimilação etc., só pode se dar na forma simbólica.¹¹⁵

Um símbolo é uma representação, mas não uma reprodução. Enquanto uma reprodução implica igualdade, um símbolo é capaz de evocar a concepção do objeto que ele representa devido, por exemplo, a características em comum, como é o caso da aliança, símbolo do casamento, ou dos pratos de uma balança, símbolo da ideia de justiça.¹¹⁶

Os símbolos tentam exprimir, na forma da cultura na qual se insere, os sentimentos humanos mais complexos e amedrontadores. É também por tal razão que as divindades são sempre dignas de temor. O símbolo é algo tirado do mundo natural que representa algo que não está ali, mas que é por ele exprimido e sentido, sempre como aquilo que está para além da existência simples do sujeito e que o apequena diante de realidades que se apresentam maiores que este.

¹¹³CF. ELIADE, 1992.

¹¹⁴ELIADE, 1992, p. 13.

¹¹⁵CF. HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: 70, 2000.

¹¹⁶RIBEIRO, Emílio Soares. *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*. Revista estudos semióticos. vol. 6, no 1, p. 46 –53. Jun. 2010, p. 46.

O símbolo separa e une, comporta as duas ideias de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. Todo signo comporta uma parcela de signo partido; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas.¹¹⁷

A sociedade brasileira sempre foi grandemente religiosa, trazendo consigo certo sincretismo e algum trânsito entre religiões de matizes diferentes. Talvez grande exemplo seja a pertença de parcela da população às religiões afros e ao catolicismo simultaneamente.

Todo sistema simbólico está predisposto a cumprir uma função de associação e de dissociação, ou melhor, de distinção, um sistema de práticas e crenças está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada na estrutura de relações de força simbólica, ou seja, no sistema das relações entre o sistema de práticas e descrenças próprias a uma formação social determinada.¹¹⁸

Tal trânsito foi possível em uma sociedade diversificada, plural e mais suscetível à mudanças. Embora se compreenda que algumas mudanças sofram algum tipo de resistência, tais fenômenos não seriam aceitos em outras sociedades nas mesmas condições em que aqui o são.¹¹⁹

No entanto o pentecostalismo brasileiro promoveu, especialmente nos círculos protestantes, uma tal valorização dos elementos emocionais na liturgia, uma ênfase elevada nas demonstrações pessoais de afeto e de sentimentos só possíveis em um país tendente à cordialidade, na linguagem de Sergio Buarque de Holanda¹²⁰. A sociedade brasileira sempre foi muito mais afeita às questões emocionais que sociedades europeias, por exemplo. Desta valorização de elementos emocionais, o neopentecostalismo exacerba a ênfase na fé como elemento fundamental na operacionalização do sobrenatural, na ascensão social, na cura, expulsão do mal na lógica já mencionada neste trabalho e na elevação do indivíduo à divindade. Todas as ênfases do protestantismo clássico na pessoa de Deus, nos seus propósitos supremos e na sua vontade são retiradas ou minimizadas. Em seu lugar surge uma religião de cunho antropocêntrico

¹¹⁷CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 21.

¹¹⁸BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 43, 44.

¹¹⁹CF. FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

¹²⁰CF. HOLANDA, Sergio Buarque de. *O homem cordial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

individualista que enfatiza o participante como centro de toda liturgia e esta vista apenas como um meio de se conseguir determinado bem ou a expulsão de determinado mal.

[...] a compreensão meramente racional do mundo leva a pessoa a uma vida alienada e sem sentido, bem como uma compreensão meramente fideísta leva ao fanatismo e à cegueira [...]. A Igreja Universal do Reino de Deus tem consciência da supremacia da fé em relação à razão [...]. Cristo passou muito mais tempo expulsando demônios e curando milagrosamente as pessoas que pregando sermões ou distribuindo comida para os pobres.¹²¹

Talvez seja a influência mais diretamente das religiões afros que direcionem a teologia da IURD no que diz respeito às razões da liturgia. Para a IURD a liturgia não é um fim em si mesmo. Diferentemente do protestantismo histórico que via no culto a razão suprema da existência da criatura, qual seja glorificar o criador, na IURD a liturgia tem papel instrumental midiático, ou seja, a liturgia tem uma finalidade específica, como um mecanismo que aciona o sagrado. O fim supremo seria o bem que a divindade pode promover na vida do participante, cada liturgia tem uma finalidade específica, direcionada para atingir determinado objetivo e, portanto, tem elementos cúlticos distintos que acionam o sagrado na direção desejada. Neste sentido todas as ações são voltadas ao indivíduo que participa, sendo a fé deste o elemento essencial na direção do resultado esperado.

Como fundamento básico da religiosidade iurdiana, algo a esta característico é o seu fundamento de espiritualidade voltada a elementos práticos. Parece que tal estrutura tem mais relação com as religiões afros que com o cristianismo protestante histórico. Nas religiões afros as relações com as divindades são realizadas quase exclusivamente por meio das oferendas ocorridas nas liturgias e cada liturgia tem um caráter direcionado ao acionamento de determinada entidade responsável pela satisfação do pedido do cultuante. Isto implica que a liturgia tem uma relação direta com o pedido do cultuante e não especificamente com suas atitudes morais cotidianas. Assim que, por exemplo, uma oferenda para Tranca-Ruas deve ser feita em uma encruzilhada, seguindo determinados passos específicos, para abertura de caminhos.¹²²

¹²¹MACEDO, Edir. *Entrevista*. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 4, 01 dez. 95.

¹²²CF. TRINDADE, Diamantino Fernandes; LINARES, Ronaldo Antônio; COSTA, Wagner Veneziani. *Os Orixás na umbanda e no candomblé*. 3ª ed. São Paulo: Madras, 2013.

Diferencia-se assim grandemente do protestantismo histórico que tira quase totalmente a ênfase na liturgia, abrindo espaço à uma espiritualidade que tenha pouca interferência de poderes sobrenaturais sobre as questões cotidianas no sentido de promover respostas às ânsias comuns do cultuante de maneira direta. Além destes fatores, o protestantismo histórico crê em uma relação direta com a divindade que quase não sofre nenhuma mediação de um sacerdote religioso. Crê também o protestantismo histórico que a divindade não habita templos ou locais sagrados 'feitos por mãos humanas'. Sabe-se que tal crença não é levada às suas últimas consequências, ficando sempre uma impressão de que o local de liturgia ainda permanece, minimamente, como local sagrado e que a liturgia se configura como momento-tempo primordialmente sagrado. Sobre tal compreensão, a IURD assim o afirma:

Enquanto você [...] estiver satisfeito com a tradição histórica de sua igreja, com seus rituais e cerimônias, com sua liturgia e com a sua aceitação das coisas como estão, não será ungido pelo Espírito Santo [...]. Há um demônio chamado Exu tradição, que penetra sorrateiramente, obrigando os membros da Igreja a atentar tão somente para usos, costumes e normas eclesiásticas[...].¹²³

Podemos compreender que a estrutura da religiosidade iurdiana seja bem mais próxima das religiões afros, sendo que seus elementos mais aparentes, tais como seu discurso, suas nomenclaturas, etc., seus elementos mais visíveis são mais diretamente vinculadas com o pentecostalismo tradicional e a separação entre tempo sagrado e tempo profano com alguma influência do catolicismo romano clássico, tudo readaptado e reordenado a seu pragmatismo. Ou seja, a IURD compreende que a liturgia é o momento primordialmente sagrado e efetivamente vinculada às necessidades cotidianas dos cultuantes, o local de culto é especificamente significativo na comunicação com as forças espirituais benéficas e maléficas, seja na invocação das potestades do bem, seja no exorcismo das potestades do mal, o pastor é o mediador por excelência entre as forças espirituais e o crente que delas precisa se valer ou se livrar. A presença onisciente da divindade na vida cotidiana verificando a conduta moral do crente é bem menos enfatizada que no protestantismo histórico.

¹²³MACEDO, Edir. *O cativo da teologia*. São Paulo: Gráfica Universal, s.d., p. 133.

[...] os demônios [...] atuam na vida das pessoas com o propósito de afastá-las de Deus e não deixá-las e conseqüentemente, entender o plano divino para suas vidas. Daí entendemos que a primeira coisa que deve ser feita com alguém, para trazê-lo ao Senhor é libertá-lo do poder e da influência do diabo e dos seus anjos, os demônios [...]. Uma vez libertado dessa influência, a pessoa pode encontrar forças para perseverar em seguir ao Senhor Jesus e caminhar a vida cristã de uma maneira vitoriosa.¹²⁴

Portanto ao se apropriar de elementos simbólicos provindos das religiões afros, seja na sua estrutura fundamental, a IURD não faz alusão à origem desta (na intenção de prestar qualquer reconhecimento positivo ou consideração benévola), seja na apropriação do panteão das religiões afros para caracterizar o mal do ponto de vista do cristianismo, seja nos símbolos e rituais das religiões afros, agora revestidos de uma linguagem cristã e considerados poderosos na expulsão do mal e para atrair as forças da divindade na direção específica da necessidade de quem delas se utilizam.

É o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por 'coisas suprassensíveis embora sensíveis' que se realiza absolutamente no espetáculo, onde o mundo sensível se encontra substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência.¹²⁵

Faculdade Unida de Vitória

3.1 O dinheiro

O bispo, depois de recolher os envelopes com as ofertas, denominadas de 'sacrifício' e com os pedidos de oração, que seriam levados para o Monte das Oliveiras, em Jerusalém, pediu aos seus seguidores baianos uma oferta especial para comprar uma emissora de rádio em Salvador, assim como seus fiéis cariocas o haviam contemplado com a Radio Copacabana. – 'Será que os cariocas têm mais fé que os baianos?' – referindo-se à multidão. – 'Não!' – a resposta retumbou como um trovão'. As ofertas vieram então em forma de dinheiro e joias. Passamos três dias trancados em uma sala contando os sacos de dinheiro levantados no Fonte Nova. No final, o dinheiro foi depositado na conta da Igreja, no Bradesco, em Salvador. O ouro foi levado para o Rio de Janeiro e transformado em barras.¹²⁶

Os fiéis da igreja entregaram este dinheiro espontaneamente, não foram forçados a fazê-lo. Ofertaram voluntariamente a Deus através da igreja, pois sabem que a igreja irá administrá-lo para expansão do reino de Deus na terra. O dinheiro das ofertas é o sangue da igreja.¹²⁷

¹²⁴ IURD. *Manual do obreiro*. São Paulo: s.d., p. 38.

¹²⁵ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: e outros textos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 36.

¹²⁶ Apud. JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do reino. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 1995, p. 29.

¹²⁷ Apud. PROENÇA, 2006, p. 171.

O dinheiro é um dos elementos de valor mais simbólico na IURD, com as máximas contradições que isto representa. Em outras palavras, o valor atribuído ao dinheiro, pelo menos no discurso, é totalmente simbólico, embora na ação prática o dinheiro nada tenha de simbólico depois de contabilizado de depositado na conta da instituição. Tal contradição talvez não seja claramente percebida pelos pastores locais.

Toda religião, obviamente, tem alguma relação com a riqueza material. Na IURD o dinheiro está vinculado à ideia de sacrifício ao molde do judaísmo e das religiões afros. Tais sacrifícios eram, no judaísmo primitivo e ainda são, nas religiões afros, a maneira de agradar, apaziguar as divindades. Essa compreensão das divindades como entidades que necessitam ser agradadas para que ofereçam àqueles que delas solicitem intervenções na vida cotidiana não eram raras no mundo antigo. Os cultos da Mesopotâmia, do Egito e da Palestina antigos, dentre outros, já apresentavam tais conceitos. As divindades relacionadas à fertilidade eram cultuadas quando a terra não produzia, acalmadas de sua fúria, agradadas através de sacrifícios e oferendas de animais e, por vezes, até de seres humanos. O mesmo acontecia entre os Astecas e os Maias nas Américas, de onde se pode talvez conjecturar uma raiz comum desta compreensão¹²⁸. Na Grécia e Roma antiga se ofereciam sacrifícios (= oferendas) aos deuses do mar, da guerra, das tempestades em ocasiões próprias dentro da cosmovisão mencionada anteriormente.¹²⁹

No judaísmo a diferença mais visível deste tipo de cosmovisão seria a falta de especificidade na divindade em relação ao seu escopo de ação. Os judeus antigos ofereciam sacrifícios à Javé com o fim obterem desde sucesso nas batalhas, à chuva em tempos de seca, fecundidade em mulheres estéreis, perdão de pecados na ideia de aplacá-lo de sua ira, cura de pestes e doenças etc.¹³⁰

Nas religiões afro-brasileiras o mesmo fenômeno é encontrado ao molde das outras religiões da antiguidade, ou seja, cada entidade está vinculada à um escopo de ação específico, tem gosto específico e, portanto, os sacrifícios oferecidos às mesmas depende das necessidades e demandas do ofertante. Por exemplo: é à

¹²⁸CF. FUNARI, Pedro Paulo. *As religiões que o mundo esqueceu*: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam os seus deuses. São Paulo: Contexto, s.d.

¹²⁹CF. GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹³⁰CF. RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus. 2016.

Pomba-Gira que se faz oferendas para intervenções no amor. Obviamente tais oferendas devem ser ao gosto específico desta entidade. Já oferendas para abertura de caminhos se faz à Tranca-Ruas, de acordo com seus gostos e preferências.¹³¹

No protestantismo histórico as contribuições financeiras tinham uma relação mais próxima à ideia de associação, onde todos os gastos são distribuídos entre os associados sem uma grande ênfase em recompensas que possam ocorrer fora deste mesmo propósito e âmbito. A IURD se aproxima mais da ideia de indulgências de fim do medievo, associando a todo esse universo conceitual as oferendas dos cultos afros, sempre vinculados aos pedidos específicos que se fazem em determinadas ocasiões. Cada reunião é, conforme já mencionado, específica a determinados pedidos.

Há, pois, certa mecanicidade no acesso aos bens espirituais; os poderes espirituais estão acessíveis às necessidades dos cultuantes, desde que acionados determinados mecanismos através de ritos específicos para cada necessidade, acompanhadas, obviamente, dos “sacrifícios” correspondentes à fé do pedinte. Ou seja, a quantidade de dinheiro que o frequentador oferece (sacrifica) necessariamente determinará o poder disponível da divindade acionado mediante o rito específico do dia, que visa atender uma necessidade específica, alocado ao pedinte. Sobre tal compreensão, assim afirma o Bispo Julio Freitas:

Sacrificar significa, literalmente, ‘perder ou abrir mão de algo por um propósito, causa ou ideal’. É uma lei universal, que afecta não só todas as religiões, mas também o funcionamento do mundo secular [...]. Quando você coloca o seu tudo no altar do sacrifício, automaticamente, liberta-se de tudo o que o aprisiona, colocando Deus na obrigação de o sustentar [...]. Ela mostra que tem o fogo real de uma fé ardente dentro de si [...]. O sacrifício transporta-me para uma realidade onde ‘todas as coisas são possíveis. Sem um objectivo, não há sacrifício. Sem sacrifício, não há objectivo. Sem dor, não há vitória! Você terá a oportunidade de apresentar o seu sacrifício no Altar Santo de Deus. Como é que você o fará?’¹³²

É um símbolo ao molde de algumas religiões antigas que exigem a maceração do cultuante como prova de seu comprometimento com a divindade, o tamanho de sua necessidade e desespero diante do pedido realizado e de sua total fé na capacidade da divindade de solucionar tal necessidade. Não podendo tal relação ser explicitada no nível racional, sua relação se explica, pelo clero iurdiano,

¹³¹CF. TRINDADE; Linares; Costa, 2013.

¹³²FREITAS, Julio. *8 Motivos para sacrificar*. São Paulo: 2016. Disponível em: <<http://juliofreitas.com/blog/8-motivos-para-sacrificar/>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

em nível simbólico dentro do escopo da cultural no qual se insere¹³³. Na IURD, o dinheiro tem essa mesma finalidade e função, pelo menos no discurso de seu clero. Obviamente que tal discurso parece carecer de coerência em nível acentuado, sendo que tal realidade, a do valor simbólico do dinheiro, não ultrapassa o limite do recebimento, por parte da IURD, deste “sacrifício”:

[...] Deus é ‘desafiado’, ou fica ‘obrigado’ a conceder bênçãos ainda mais generosas de acordo com o grau do sacrifício feito pelo fiel e do risco por ele assumido ao ofertar determinada quantia¹³⁴.

Assim que ultrapassa o limite do doador para os caixas da IURD, a gerência deste valor parece bem mais racional que simbólica, conforme mencionado no início desta sessão; o dinheiro é imediatamente contabilizado e depositado em conta própria.¹³⁵

3.2 SÍMBOLOS Cristãos

Os rochedos, as nascentes, as grutas, os bosques venerados no decurso da proto-história continuam, sob formas variadas, a ser tidos como sagrados pelas populações cristãs de hoje.¹³⁶

3.2.1 A linguagem

Dentre os símbolos cristãos mais utilizados pela IURD a linguagem talvez seja a mais evidente. Na IURD, conforme já mencionado, a ideia de bem-mal, de cultuante-sacerdote, espaço sagrado – espaço profano é própria, ou seja, embora apropriada de todas as principais religiões brasileiras, a IURD dá a elas significado próprio, o que implica em uma linguagem simbólica própria¹³⁷. A IURD traduz todos esses elementos em linguagem cristã, o que redundava em uma necessidade de compreender melhor qual o significado do elemento em sua origem e seu significado reinterpretado. Por exemplo, a entidade conhecida como pomba-gira na religião afro de origem não é uma entidade exclusivamente maligna; pode fazer o bem ou o mal

¹³³CF. HUSSERL, 2000.

¹³⁴MARIANO, 2014, p. 170.

¹³⁵CF. MARIANO, 2014, p. 156-176.

¹³⁶ELIADE, 1993, p. 297.

¹³⁷CF. HUSSERL, 2000.

dependendo das relações estabelecidas entre as mesmas, de como o cultuante agrada ou desagrada tal entidade. Na IURD, conforme já mencionado, tal entidade representa exclusivamente o mal relacionado à desvios na sexualidade de suas vítimas. Trata-se, portanto, de coisas distintas, mas que na IURD é reinterpretada, adquirindo outra significação.¹³⁸

3.2.2 A água

A água sempre foi um forte símbolo associado a quase todas as religiões¹³⁹. No hinduísmo as águas do Ganges podem curar, levam as almas ao seu destino na vida futura, purificam quanto à maculações da alma e do corpo. Nas religiões animistas espíritos povoam as águas, garantindo que estas possuem poderes ou sofram influência de poderes externos¹⁴⁰. No panteão grego Poseidon dominava as águas, de maneira que o humor deste podia ser visto nas marés ou nas calmarias. As águas, domínio de Poseidon, estavam repletas de criaturas monstruosas, benéficas ou maléficas¹⁴¹. No kardecismo, “a água magnetizada pode levar consigo os sentimentos positivos ou negativos”.¹⁴²

Magnetiza-se uma garrafa destampada ou um copo com água, segurando-se o recipiente com a mão esquerda e fazendo-se passes do alto para baixo. Por vezes, também as pontas dos dedos da mão direita, reunidas em cima do gargalo, servem para dirigir, para o líquido, o fluído benévolo [...]. A água absorve com facilidade o fluído ambiente [...] a água magnetizada, absorvida pelo doente afastado, leva longe um pouco de emanação mediúnica e constitui um laço invisível entre o enfermo e o médium curador.¹⁴³

No judaísmo as águas serviam nos rituais de purificação. As pessoas que tinham qualquer contato com sangue humano, que tocavam em cadáveres, mulheres em seu ciclo menstrual etc. estavam cerimonialmente impuros, o que lhes impediam de conviver no âmbito social normalmente compreendido até que, vencido

¹³⁸CF. BARBOSA JUNIOR, Ademir. *Para conhecer o candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013. Ver também: Trindade; Linares; Costa. 2013.

¹³⁹CF. GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁴⁰CF. FUNARI, s.d.

¹⁴¹CF. GRIMAL, 1982.

¹⁴²CAMPOS, 1999, p. 132.

¹⁴³Apud. LHOME, José. S.d., p. 59, 65.

certo período, se banhassem em água limpa. A narrativa do Êxodo demonstra a fundamentação deste elemento simbólico na formação da nação. É pela passagem do povo pelo meio das águas do Mar Vermelho que o vínculo com a nação egípcia se rompe definitivamente e a nação começa a se configurar como tal de forma independente. A carência de comprovações históricas na narrativa do Êxodo em nada nega a importância que a água tem como símbolo na formação da nação de Israel. A água simboliza o surgimento de nova vida, nova fase na história de um povo coletivamente e, por dedução lógica, na história das pessoas individualmente. Desta narrativa se deduz a importância do batismo ritual e sua centralidade como rito de iniciação nas seitas judaicas¹⁴⁴.

O cristianismo se apropria de todo esse fundamento histórico do judaísmo¹⁴⁵. A narrativa que menciona seus primórdios não por acaso menciona Jesus procurando um profeta ou alguém que procurava seguir a tradição profética de habitar nos desertos e se vestir de peles de camelo. João recebeu o codinome de batista justamente por apregoar o batismo ritual como símbolo do arrependimento de uma vida de pecados e um renascer para uma nova vida. Desde seus primórdios o cristianismo definiu o batismo ritual como símbolo fundamental, iniciação na nova religião, desvinculação do tempo que não pertencia à religião; uma negação de toda uma vida pregressa.¹⁴⁶

Já sobre catolicismo romano medieval, afirma Keith Thomas:

O ritual básico era o benzimento com o sal e água para a saúde do corpo e a expulsão de maus espíritos. Mas os livros litúrgicos da época também traziam rituais para benzer casas, gados [...], embarcações, ferramentas, armas, cisternas e fornalhas. Havia fórmulas para abençoar homens que preparavam para sair em viagem, para travar um duelo, para entrar em batalha ou mudar de casa. Havia métodos para abençoar os doentes e tratar de animais estéreis [...]. Fundamentalmente em todo esse procedimento era a ideia de exorcismo, o esconjuro formal do demônio, expulsando de algum objeto material por meio de preces e de invocação do nome de Deus. A água benta podia ser utilizada para afastar maus espíritos e vapores pestilenciais.¹⁴⁷

¹⁴⁴CF. SAULNIER, 1983.

¹⁴⁵CF. ASSIS, Maristela Patrícia de. *O grito da liberdade: o hino batismal de Gl. 3.26-28*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 1/2, p. 11-19, jan./fev. 2009.

¹⁴⁶CF. MAÇANEIRO, Marcial. *A água nas religiões*. São Paulo: GPER, s.d. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/newsletter/0737906da6ac3b58fe556c7b8aa3ac6d.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

¹⁴⁷THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 38.

Nas religiões afros as águas, domínio de entidades próprias, também são usadas em banhos rituais; as águas das chuvas e dos mares são elemento de Oxum, as águas paradas são domínio de Nanã¹⁴⁸. Esses banhos, ritualmente aplicados e por sacerdotes especializados, servem como descarrego de energias negativas, poderes que estariam influenciando negativamente a vida das pessoas, trazendo doenças, problemas financeiros ou familiares etc.

No catolicismo romano a água era usada como elemento transmissor de poderes espirituais designados à promover livramento de espíritos malignos (no exorcismo), favorecer a impetração das bênçãos do sacerdote nas necessidades da vida cotidiana e na transmissão de graça nos sacramentos. A água benta era consagrada por sacerdote ordenado e desde então considerada abençoada ou sagrada¹⁴⁹. Embora o movimento pentecostal tenha sempre criticado a água benta do catolicismo romano, sempre foi comum o uso de um copo com água colocado em cima do receptor do rádio e posteriormente, da televisão quando da transmissão de programas próprios, especialmente no momento da oração: “A IURD emprega *ad nauseam* o copo de água sobre o aparelho de TV, que deve ser bebido após a oração da fé. Essa terapia pentecostalista, já usada nos Estados Unidos por Oral Roberts e outros pregadores de cura divina[...]”¹⁵⁰. Fato notoriamente interessante talvez seja o fato de tal elemento sempre faltar em liturgias normais no pentecostalismo clássico, mas estar presente como ponto de contato transmissor de virtudes à distância, por rádio ou televisão.

Obviamente que a IURD se apropria de todos esses fatores. A água é usada no batismo que sempre é feito dentro dos templos, geralmente em piscinas de plástico. O bispo Edir Macedo, em seu livro *Orixás, caboclos e Guias: deuses ou demônios*, considera o batismo como o terceiro passo para libertação das forças demoníacas¹⁵¹. O copo com água colocada em cima de receptores de rádio e de televisão são enfatizados e incentivados, mas o que a torna excepcional em relação ao pentecostalismo clássico é sua apropriação também dos banhos das religiões afros com tom enfático na sessão de descarrego, geralmente promovidas às terças-

¹⁴⁸CF. BARBOSA JUNIOR, Ademir. *Para conhecer o candomblé*. Universo dos Livros: São Paulo: 2013, p. 38, 39.

¹⁴⁹CF. MOTITSUKI, Oscar. *O maravilhoso poder da água benta*. S.l.: Arautos do Evangelho, 2013. Disponível em: <<http://www.arautos.org/artigo/94/O-maravilhoso-poder-da-agua-benta.html>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

¹⁵⁰MARASCHIN, Jaci, 1985, p. 173.

¹⁵¹CF. MACEDO, 2000, p. 134.

feiras, exatamente um dos dias mais escolhidos pelas religiões afros. Na IURD o banho com sal grosso pode descarregar alguém de espíritos demoníacos na lógica mencionada anteriormente. Tais banhos são oferecidos no interior dos templos. Geralmente as pessoas passam por uma piscina de plástico previamente montada para a ocasião, enquanto o pastor faz orações em tons elevados e suplicantes de voz. Pode-se conferir vídeo em que o bispo Guaracy Santos anuncia “banho de abre caminhos” com água do Rio Jordão, durante o programa “Duelo dos Deuses” (Ponto de Luz), do dia 10 de dezembro de 2013, disponível no canal a IURD no Youtube, IURDTV¹⁵².

Ademais dos banhos copiados das religiões afros, a IURD, em sua mais recente tendência judaizante, enfatiza cada vez o uso de água do Rio Jordão. A água, como tudo mais que vem da “Terra Santa” possui poderes excepcionais em relação à água de outras origens. Por isso a IURD oferece garrafinhas ou lenços umedecidos com água do Rio Jordão que a pessoa pode levar consigo para sua residência ou outros locais onde sinta necessidade, com o fim de valer-se destes poderes em momentos de necessidades¹⁵³. Enfatizando que tais águas se abriram diante de Josué e do povo de Israel e de Jesus ter se batizado nelas, tais águas possuem o poder de abrir caminhos aqueles que as utilizam.¹⁵⁴

3.2.3 A cruz

A cruz é o terceiro dos quatro símbolos fundamentais juntamente com o centro, o círculo e o quadrado. Ela possui uma função de síntese e de medida, pois junta o céu e a terra, confunde o tempo e o espaço, reunindo de forma permanente a terra ao céu, de baixo para cima e de cima para baixo. A cruz marca encruzilhadas em sua interseção, onde se ergue um altar, uma pedra, um mastro, uma difusão, uma emanção.¹⁵⁵

¹⁵²CF. Programa Duelo dos Deuses (Ponto de Luz) do dia 10-12-2013 às 9h00 com o Bispo Guaracy Santos e Pastor Thiago Nobre na IURD TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/canal_iurdtvbr/search?query=banho+do+descarrego>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁵³CF. LUZ EM MINHA CASA – Canal da IURD no Youtube. *Lenço umedecido nas águas do Rio Jordão*. S.l. Jul. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Psea9AThjRM>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁵⁴CF. MEDEIROS, Janaina. *A travessia do Rio Jordão*. Folha Universal, Universal Publicações, Set. 2016. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2016/09/04/a-travessia-do-rio-jordao-37657.html>> Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁵⁵NASSER, Maria Celina Cabrera. *O uso de símbolos: sugestões para sala de aula*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 80-81.

A cruz foi um elemento simbólico muito mais de uso do catolicismo romano que do movimento protestante e pentecostal no Brasil. A cruz marcava os espaços sagrados, os templos católicos e era usada como pendentem no pescoço para proteção de forças do mal ou males. Na IURD esse símbolo é pouco usado fora do templo. É comum se encontrar uma cruz em dias específicos em cima do palanque. Tal palanque é também um lugar simbólico nos templos cristãos católicos ou protestantes, geralmente associados ao lugar mais sagrado, o altar¹⁵⁶. As pessoas que sobem ao altar estão em um lugar mais sagrado, o que é dito do altar tem maior importância, autoridade e significação. Os pedidos deixados no altar são mais rápida e poderosamente atendidos. No altar é que se põe a cruz onde o suplicante pode depositar seus pedidos anotados em pequenos pedaços de papel a fim de que sejam atendidos pela divindade. Pouco se fala da significação atribuída à cruz como instrumento de suplício de Jesus e, portanto, com uma significação mais voltada ao suplício e ao martírio, como no caso do catolicismo romano. A cruz no catolicismo romano indica muito mais o conjunto de crenças e doutrinas da própria religião, marcando um direcionamento ao catolicismo como um todo que qualquer outra coisa¹⁵⁷. Na IURD o significado atribuído à cruz como símbolo é pouco esclarecido. Sua utilização é mais prática, demarcatória do local mais sagrado, onde as potestades divinas estão mais facilmente disponíveis; é um marco geográfico, como um portal para uma dimensão espiritual superior.¹⁵⁸

3.2.4 O óleo

No cristianismo clássico o óleo raramente era usado como símbolo, inclusive nas liturgias. Muito mais usado era a água benta ou benzida ou abençoada como ponto de contato de acesso às forças espirituais da divindade. O protestantismo revalorizou o uso do óleo já anteriormente usado no judaísmo. No judaísmo o óleo

¹⁵⁶CF. MACEDO, Edir. *Visão do altar*. Blog Universal. 11 de jul. 2015. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/07/11/visao-do-altar/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁵⁷CF. AQUINO, Felipe. *Por que a cruz é sinal do cristão?* São Paulo: Canção Nova, set. 2014. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2014/09/19/por-que-a-cruz-e-sinal-do-cristao/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁵⁸CF. FOLHA UNIVERSAL. *“Minha família ao pé da cruz” reúne multidão no Japão*. Universal Publicações. Ago. 2015. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2015/08/25/minha-familia-ao-pe-da-cruz-reune-multidao-no-japao-34019.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

era o elemento usado na sacralização dos objetos de culto, que também tinham valor simbólico de importância ímpar: o altar do holocausto, o altar do incenso, o candelabro, os sacerdotes eram ungidos com óleo antes de poderem iniciar seus trabalhos como sacerdote e era justamente tal unção (entenda-se aspensão) que os sacralizava e os distinguia dos demais para o exercício do sacerdócio, até mesmo o templo e os locais sagrados eram assim considerados apenas depois de terem o óleo sagrado aspergido sobre os mesmos.¹⁵⁹

No entanto, só no movimento pentecostal recente o uso do óleo veio a obter lugar de relevância como meio de transmissão de poder divino em benefício daquele que o recebe transmitido por um sacerdote devidamente qualificado para tal. Obviamente que a qualificação, no meio pentecostal, está bem mais ligada aos elementos místicos que aos materiais. No pentecostalismo clássico os doentes são ungidos com óleo para cura e demônios são exorcizados mediante a aspensão do mesmo.¹⁶⁰

Na IURD o óleo assume papel mais primordial que em qualquer instituição pentecostal clássica. O óleo é usado nos doentes, no exorcismo de forças demoníacas, mas também se pode ungir um carro para que se evite acidentes e prejuízos neste patrimônio, pode-se ungir uma casa para que os espíritos do mal não possam nela adentrar, sacralizando, de forma menor que no templo é claro, aquele espaço. Pode-se ungir determinada pessoa para que se recupere de vícios em tóxicos e até mesmo peças de roupas que outras pessoas poderão usar, visando que tal roupa se torne como que uma armadura contra as forças do mal.¹⁶¹

Mas o que mais pode distinguir a IURD de outros movimentos, embora se encontra similaridades em outros novos pentecostalismos, seja a sua ênfase no óleo trazido de Israel, a Terra Santa. Se o óleo consagrado pelos pastores tem poderes especiais quando aplicados à pessoas, objetos e locais, o óleo trazido de Israel potencializa tais poderes e é, portanto, muito superior em propriedades espirituais.

¹⁵⁹CF. CHABAD. *A ordem de preparar o óleo para unção e o incenso*. Chabad – Lubavicht Media Center. Out. 2016. Disponível em: <http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/913199/jewish/A-Ordem-de-Preparar-o-leo-para-Uno-e-o-Incenso.htm>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁶⁰CF. COSTA, Rovílio. *O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade*. Teocomunicação - PUCRS, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 586-600, 10 Dez. 2007.

¹⁶¹CF. CHAMADA IMPACTANTE UNIVERSAL. *O óleo consagrado*. Rio de Janeiro: IURD, s.d. Disponível em: <<http://www.chamadaimpactanteuniversal.com.br/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

Talvez se pudesse usar a analogia de um medicamento que pode ter princípio ativo em maior ou menor quantidade.¹⁶²

3.3 Símbolos judaicos

Cada vez mais se aproximando do judaísmo a IURD hoje mais que nunca se apropria dos símbolos judaicos em seus rituais. Mas, como todos as aproximações que faz a IURD de outras religiões, tais símbolos são re-significados dentro da cosmovisão iurdiana. Entre todos esses símbolos o mais basilar trata da própria localização (A Palestina), lugar onde se narram eventos bíblicos. Tais locais são sacralizados dentro desta cosmovisão e todos os elementos daí procedentes são considerados portadores de potencialidades superiores aos de outros lugares. Assim, por exemplo, o óleo de Israel é mais poderoso que o óleo de outros lugares, mesmo que apresentados pelos pastores e bispos; o óleo de Israel apresentado pelos bispos no Monte Sinai é carregado de potencialidades ainda mais superiores. As águas do Rio Jordão apresentadas pelos bispos são mais poderosas que as águas de outros rios quaisquer. Os pedidos anotados em pedaços de papel e apresentados a Deus pelo bispo são bastante atendidos por Deus, mas quando apresentados pelos mesmos bispos sob o Monte Sinai ou Monte Carmelo e ali incinerados ritualisticamente são mais poderosa e eficazmente atendidos¹⁶³. Talvez o episódio mais característico do valor atribuído aos poderes que se podem acessar apenas na Palestina seja a construção em São Paulo de uma réplica (rearranjada obviamente às necessidades da religiosidade brasileira) em escala do Templo de Salomão; várias pedras foram trazidas da Palestina, o que implicou no gasto adicional de milhões de reais para se retirar e transportar toneladas de pedras de tão distante até a cidade de São Paulo. Em virtude destas pedras e do modelo copiado, o templo adquiriu legitimidade como local mais sagrado que outros quaisquer, como

¹⁶²CF. VIDAL, Jeane. *O óleo que não pode faltar: entenda a importância desse elemento e o que ele representa na vida do cristão*. São Paulo: Universal.org. Mai. 2016. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2016/05/15/o-oleo-que-nao-pode-faltar-36558.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁶³CF. UNIVERSAL.ORG. *Fogueira santa de Israel e do Monte Carmelo*. São Paulo: Universal.org. Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/11/18/a-fogueira-santa-de-israel-e-o-monte-carmelo-31470.html>>. Acesso em: 19 out. 2016;

que trazendo a sacralidade da “Terra Santa” (Palestina) para a cidade de São Paulo¹⁶⁴.

Não apenas o local geográfico é mais potencialmente eficiente em contato com o divino como também tudo o que dali se possa extrair, dos elementos materiais mais simples, tais como a água, as pedras e o óleo, mas também dos costumes dos tempos bíblicos, em especial relacionados com o Templo de Salomão. Recorrentemente enfatizado neste trabalho, no entanto, nada é assimilado sem uma reinterpretação e adaptação dentro da cosmovisão da IURD. Um grande exemplo disto trata-se do vestuário que recentemente os pastores e bispos da IURD passaram a adotar em algumas de suas reuniões; uma espécie de capa que se põe sobre a camisa de manga longa com gravata, vestimenta desde o início comum aos pastores, baseada na estola sacerdotal do sacerdote judaico. Tal estola reveste o pastor de uma esfera de autoridade que procura rivalizar com a dos sacerdotes do antigo culto judaico do Templo de Salomão.¹⁶⁵

3.4 Símbolos das religiões afros

Os pareceres emitidos seguem um roteiro quase padrão: um trabalho espiritual de macumba, um despacho feito na encruzilhada ou no cemitério para prejudicar a pessoa; inveja no trabalho, mau-olhado, ou ainda opressão demoníaca decorrente de algum envolvimento, da própria pessoa ou de alguém de sua família, com práticas das religiões afro-brasileiras. A solução também é apresentada de maneira incisiva: procurar o mais rápido possível um templo da IURD e realizar uma campanha de descarrego e de libertação.¹⁶⁶

Já foram mencionados vários dos símbolos usados nas religiões afros ao se mencionar os símbolos tratados em outras religiões que também são usados nestas religiões. Portanto, seguem alguns breves exemplos, apenas para complementar a lógica da argumentação acima.

¹⁶⁴CF. UNIVERSAL.ORG. *O Templo de Salomão*. São Paulo: Universal.org. s.d. Disponível em: <<http://sites.universal.org/templodesalomao/em-que-cremos/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁶⁵CF. UNIVERSAL.ORG. *Sacerdotes levam a Arca a Aliança para o Templo de Salomão*. São Paulo: Universal.org. Ago. 2014. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/08/01/sacerdotes-levam-a-arca-da-alianca-para-o-templo-de-salomao--30615.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁶⁶PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicatos de Mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Assis: 2006. Tese: Departamento de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, p. 307.

3.4.1 Os dias fortes

Dias considerados mais fortes que os demais não são incomuns nas religiões. No judaísmo o shabat era sagrado e desrespeitá-lo era considerado grave delito¹⁶⁷. Em algumas facções cristãs, incluindo o puritanismo inglês e, daí decorrente, o americano, o domingo era considerado o Dia do Senhor e sua sacralidade decorria da crença na ressurreição de Jesus, fato que teria ocorrido do domingo:

Os Puritanos criaram o domingo cristão inglês — ou seja, o conceito e a observância do primeiro dia da semana como dia de trégua tanto nos negócios como nas recreações organizadas, para que o tempo todo fosse deixado livre para a adoração, o companheirismo e as 'boas obras'. Esse ideal nunca foi aceito de modo geral pelos protestantes do continente europeu, conforme Baxter observou: 'A Inglaterra tem sido uma felizarda quanto a esse aspecto da reforma'. A história dessa realização Puritana prolonga-se por um século. Nos fins do século XVI, era costume dos ingleses, depois de terminado o culto na igreja, passar o resto do domingo 'frequentando peças teatrais obscenas... jogos, bebidas alcoólicas' [...].¹⁶⁸

Nas religiões de matriz africana cada dia é definido como específico de determinada entidade, o que o caracteriza como o dia mais propício para buscar o favor da entidade específica e sua intervenção neste mundo. Por exemplo: a segunda-feira é um dia associado à Obaluaê, Exú e Nanã; Ogum e Oxumarê terça-feira; Oxóssi, quinta-feira; Oxalá, sexta-feira e domingo; Oxum, Iemanjá e Euá sábado; o domingo é um dia associado aos Ibejís etc.¹⁶⁹

Por esta razão a IURD procura seguir uma espécie de calendário litúrgico baseado nos dias fortes de determinadas entidades. O domingo fica reservado às liturgias que tem mais proximidade com o protestantismo histórico e com o pentecostalismo clássico; é o Dia da salvação. Neste dia os discursos ficam mais parecidos com os discursos do movimento evangélico, os símbolos são quase que exclusivamente cristãos e as canções são entoadas de forma mais solene e serena.

Já nas terças-feiras e sextas-feiras, dia em que no Candomblé e na Umbanda as reuniões são mais frequentadas, na IURD ficam reservadas para as

¹⁶⁷CF. RÖMER, 2016

¹⁶⁸PACKER, J. J. *Os Puritanos e o Dia do Senhor*. Resistência Protestante. 22 Jan. 2016. S. I. Disponível em: <<http://resistencia protestante.blogspot.com.br/2016/01/os-puritanos-e-o-dia-do-senhor-ji-packer.htm>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁶⁹CF. TRINDADE, Diamantino Fernandes; LINARES, Ronaldo Antônio; COSTA, Wagner Veneziani. *Os Orixás na umbanda e no candomblé*. 3ª ed. São Paulo: Madras, 2013.

sessões de descarrego e Libertação, oração forte para quebra das “maldições” e expulsão de “encostos”¹⁷⁰. A guerra santa travada contra as forças malignas se dá nos dias específicos destas forças, na lógica mencionada anteriormente. Isto significa que o dia propício para a expulsão de entidades que causam mal às crianças é quarta-feira, visto que este é um dia consagrado aos Ibejís dos cultos afros. Já os conflitos pessoais, conjugais, no trabalho etc., devem ser primordialmente esconjurados na terça-feira, dia consagrado a Ogum nas religiões afros, “cujos domínios são os caminhos e a guerra”.¹⁷¹

As programações iurdianas podem ser conferidas na internet, além de jornais, seus programas televisivos e radiofônicos, citamos como exemplo o blog progamaoiurdsantamaria.blogspot.com.br, no qual a lista de reuniões é listada como se segue: segunda-feira, reunião da prosperidade; terça-feira, sessão do descarrego para “lutar contra as forças do mal”, quarta-feira, reunião dos Filhos de Deus para “fortalecimento espiritual”; quinta-feira, reunião da sagrada família para quem tem sido vítima de traições, problemas conjugais, brigas etc.; sexta-feira, corrente de libertação; sábado, jejum das causas impossíveis e domingo, reunião do encontro com Deus, para quem está cansado de sofrer e quer alcançar uma mudança na sua vida.¹⁷²

3.4.2 Flores

Libertação de feitiçarias feitas pelos ‘sangromas’, uma espécie de ‘pais-de-santo’, que prometem livrar as pessoas dos ‘tokholoshis’ (demônios), acabando por levar os mesmos a sofrer mais ainda, e até a se tornar ‘sangromas’ também [...]. A campanha da rosa também é um sucesso na África do Sul. Tal qual no Brasil, pessoas recebem uma rosa, deixam-na em casa, para que todo o mal seja atraído pela mesma, e depois a devolvem na Igreja, para que toda a maldição seja queimada.¹⁷³

Nas religiões afros cada entidade tem uma flor de sua preferência e que são usadas nas cerimônias propícias a cada entidade. Assim, Oxóssi, Ossaim preferem

¹⁷⁰CF. ALMEIDA, 2006.

¹⁷¹TRINDADE; LINARES; COSTA, 2013, p. 154.

¹⁷²CF. IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. *Programação iurdiana*. Disponível em: <<http://progamao.iurdsantamaria.blogspot.com.br/p/estudos.html>>. Acesso em: 19 out.2016.

¹⁷³FOLHA UNIVERSAL. Universal Produções. *Libertação*. Vol. 01, nº 01. Mar. 1995.

as flores do campo. Tais flores, conforme já mencionado, são usadas nas cerimônias consagradas a esta entidade. Oxum prefere rosas amarelas; Iemanjá flores brancas; Ibejís preferem rosa-mariquinha.¹⁷⁴ Portanto flores são de importância genuína nas religiões afros (também usadas pelas benzedeiças católicas no catolicismo popular) como meios de agradar e apaziguar as entidades. Por esta razão as rosas são tão usadas no neopentecostalismo. Anúncios publicitários são realizados determinando certo dia e horário em que será possível receber uma rosa em reunião própria. Essa rosa poderá ser levada para casa afim de absorver forças malignas. Veja, na pesquisa de Mariano, uma citação de um depoimento do Pastor Gilberto, pertencente à Igreja da Graça: Olha, a Sra. vai pegar três petalzinhas desta rosa, fazer um chá, um banho e vai durante sete dias de manhã banhar a perna em nome de Jesus com toda fé.¹⁷⁵

3.4.3 Descarrego

Servem para livrar a pessoa de energias deletérias, de modo a reequilibrá-la. Pode ser de ervas ou de sal grosso, podendo, ainda, serem acrescidos de outros elementos.¹⁷⁶

Os banhos de ervas são para descarga, assim como os banhos com sal grosso servem para limpeza energética. Também existem banhos para energização, ativação de energias dos orixás e guias com o fim de revitalizar as funções psíquicas e revitalizar a incorporação etc.¹⁷⁷

Na Umbanda o descarrego é realizado por médiuns especialmente preparados. O objetivo é a transferência de *eguns*, espíritos não evoluídos, que podem causar malefícios na vida das pessoas nas quais se incorpora. O banho do descarrego pode ser realizado com o sal grosso, banho de ervas ou ainda a roda de pólvora, na qual a pessoa fica no centro enquanto a pólvora é acessa ritualisticamente.

O fiel que está tomado por más influências adentra da gira e fica diante da entidade responsável pelo descarrego (usualmente são os Exus que fazem, mas não há restrição quanto à linha a fazer) que lança energias positivas

¹⁷⁴CF. BARBOSA JUNIOR, Ademir. *Para conhecer o candomblé*. Universo dos livros: São Paulo, 2013.

¹⁷⁵MARIANO, 2014, p. 134.

¹⁷⁶JUNIOR BARBOSA, 2013, p. 92.

¹⁷⁷JUNIOR BARBOSA, 2013, p. 92.

que desprendem os eguns do fiel e o lançam nos médiuns receptores que estão localizados alguns passos atrás do fiel.¹⁷⁸

Na IURD a Sessão do Descarrego ocorre às terças-feiras, por motivos já mencionados. Apropriando-se de toda a concepção das religiões afros e, ao mesmo tempo, demonizando-as, a IURD defende que as entidades malignas que estão presentes no corpo do indivíduo e que a está causando males podem ser corretamente exorcizadas pelos sacerdotes iurdianos mais propriamente neste dia¹⁷⁹. Assim se afirma, na IURD, que a Sessão do Descarrego foi realizada com a finalidade de lutar contra as forças do mal, livrando a pessoa de suas maldições e pondo fim ao seu sofrimento¹⁸⁰. Música em volume alto propicia um clima de comoção, ao mesmo tempo em que a voz do pastor, como líder da reunião, favorece um clima hipnótico. Após alguns momentos o pastor faz “oração forte” ordenando aos espíritos malignos que se manifestem, o que é vital para o descarrego. Assim que ocorre o transe, entrevistar o “encosto” se torna ponto central da liturgia, o que finda com sua expulsão; todos participam com as mãos levantadas, ou ordenando que seja “queimado” ou que saia da pessoa repetidas vezes.¹⁸¹

Para a Igreja Universal não existe meio-termo: o mundo está dividido entre pessoas ‘libertas’ e ‘não-libertas’, sendo que nestas há a constante atuação do diabo. É ele o causador de todos os males. Uma pessoa que sofre de alguma doença, por exemplo, está possivelmente sendo atingida por algo de outra ordem, um mal diferente daquele tratado pela medicina ou qualquer conhecimento humano – a saber, o diabo [...]. Com a finalidade de diagnosticar a possessão, a Igreja Universal elencou os sintomas mais frequentes que denunciam algum tipo de possessão demoníaca. São eles: insônia, medo, nervosismo, constantes dores de cabeça, desmaios frequentes, visão de vultos, audição de vozes estranhas, vontade de suicídio, vícios, perturbações, dores não diagnosticadas pela medicina e depressão¹⁸².

¹⁷⁸CORREA, Claudio. *Ser umbandista: o descarrego*. Disponível em: <<http://serumbandista.blogspot.com.br/2011/04/o-descarrego.html>>. Acesso em: 19out. 2016.

¹⁷⁹CF. JUNGLUT, Ailton Luiz. *Deus e nós, o Diabo e os outros: a construção da identidade religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em: <http://www.academia.edu/865865/Deus_e_n%C3%B3s_o_diabo_e_os_outros_a_constru%C3%A7%C3%A3o_da_identidade_religiosa_da_Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁸⁰CF. IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. *Programação iurdiana*. Disponível em: <<http://programaoiurd.santamaria.blogspot.com.br/p/estudos.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹⁸¹CF. ALMEIDA, 2009.

¹⁸²ALMEIDA, 2009, p. 81-82.

3.4.4 Sacerdotes

Nas religiões afros os sacerdotes não são pessoas comuns do ponto de vista do crente. São pessoas dedicadas ao serviço daquela entidade: “fizeram cabeça para o santo”. Isto inclui toda uma preparação, um ritual de passagem, uma prova de fogo que o habilita a uma posição de mediador entre aquela entidade e o cultuante. De fato, é mediante a “manifestação” daquela entidade corporalmente em “seu cavalo” que as petições são atendidas e as ações são realizadas.¹⁸³

Tal fenômeno não é exclusivo das religiões afros; quase todas as religiões consideram a pessoa que exerce a função sacerdotal como um mediador entre o profano e o sagrado, entre o ser humano e a divindade. Tal fenômeno já era considerado no judaísmo por ocasião de seus templos. A destruição completa de templos judaicos, o de Salomão primeiro e o de Herodes posteriormente, modificou sua estrutura nesta direção. Os sacrifícios, meios únicos em potencialidade no culto à Javé, só podiam ser realizados em seus templos por sacerdotes ritualisticamente qualificados. No catolicismo romano os sacerdotes devem ser ordenados pelos sacerdotes que os precederam, não sem antes o iniciado ser corretamente qualificado intelectualmente no conjunto de regras de crença e práticas rituais próprias. Isto requer tempo, esforço e um ritual de passagem propício que o qualifica ao exercício do sacerdócio. Joachim Wach assim descreve o profeta, em tratando como profeta todo porta voz da divindade:

A consciência de ser órgão, ou instrumento ou porta-voz da vontade divina caracteriza a auto-interpretação do profeta [...] visões, transe, sonhos ou êxtases ocorrem com frequência [...]. O profeta está preparado para receber e interpretar manifestações do divino [...]. Com frequência ele aparece como renovador de contatos perdidos com os poderes ocultos da vida, e aqui se parece com o feiticeiro e o curandeiro. O profeta lança luz no passado e interpreta-o, mas ele antecipa também o futuro.¹⁸⁴

Sobre pastor pentecostal assim afirma Francisco Cartaxo:

[...] não nasce das fileiras sacerdotais. Não é, pois, o homem do culto. Mas alguém que proclama uma revelação recebida do alto. A mente, a palavra, o

¹⁸³CF. SALES, Nívio Ramos. *Prova de fogo: o dia a dia de um terreiro de umbanda e candomblé*. São Paulo: Madras, 2012.

¹⁸⁴WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 416.

poder do profeta estão ancorados num dom pessoal dado gradativamente por uma divindade.¹⁸⁵

São considerados especialmente sagrados e divinos devido a sua excepcionalidade psíquica e ao valor intrínseco dos respectivos estados por eles condicionados [...] para o devoto, o valor sagrado, antes e acima de tudo [...] Este valor sagrado torna o elemento carismático cerne emocional da experiência religiosa e impõe a submissão íntima ao inédito e absolutamente único, portanto divino.¹⁸⁶

Para os neopentecostais não há uma rígida formação intelectual (no sentido de formação dogmática própria), nem mesmo um ritual de iniciação que o considere especialmente destinado à sua função sacerdotal, em comparação com as religiões afros e o catolicismo romano. Tal diferença reside na escolha, da divindade, feita ao indivíduo, escolha esta demonstrada na sua capacidade carismática; na IURD especialmente na sua capacidade de “despachar os encostos”. Tal capacidade é traduzida em linguagem própria: Este é “um homem de Deus”: “Cada homem de Deus representa o Senhor Jesus, e cada pessoa que chega na igreja é enviada pelo Espírito Santo, a fim de que Seu servo lhe mostre o caminho da salvação¹⁸⁷. Talvez seja esta a diferença mais significativa entre os sacerdotes neopentecostais e o de outras religiões. Embora não haja uma preparação na forma do catolicismo romano e das religiões afros, o sacerdote é considerado um mediador de importância ímpar entre os benefícios que Deus pode provocar no crente e no exorcismo das forças das trevas. Tendo a IURD, conforme já mencionado, papel preponderante nesta atividade, comprovada no fato de as entidades tentarem impedir que sua “vítima” venha às reuniões, são nestas reuniões. São nestas reuniões que a centralidade do pastor como sacerdote é verificada; de fato, é o pastor que detêm o poder da palavra e, conseqüentemente, o poder de Deus para a realização das tarefas a que se destinam as reuniões.¹⁸⁸

¹⁸⁵ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 12.

¹⁸⁶ROLIM, 1995, p 74.

¹⁸⁷MACEDO, Edir. *Os 7 mandamentos do homem de Deus*. Universal.org.05 de Mai. 2013. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2013/02/05/os-7-mandamentos-do-homem-de-deus-20607.html>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

¹⁸⁸CF. MARIANO, 2014. Ver também: Proença, Wander de Lara. *Sindicatos de Mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Assis: 2006. Tese: Departamento de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, p. 307.

CONCLUSÃO

Todos os pensadores das ciências sociais são unânimes em ressaltar a obviedade da religião como pertencente aos elementos culturais e deles provenientes, esta é a razão pela qual a IURD, no Brasil, só pode ser compreendida como fruto da cultura brasileira e sua forma de comunicação, de expressão de sua vontade (entenda-se da liderança), como uma forma de comunicação simbólica dentro do escopo social amplo. Sua capacidade de tal comunicação ideológica talvez seja o ponto central de sua grande inserção e seu sucesso na sociedade brasileira.

A multiplural cultura brasileira provém de origens as mais diversas, todas oferecendo contribuições significativas na formação de uma mentalidade que, embora heterogênea, possui certas características específicas. Dentre elas a forte tendência à hierarquização destas influências sob ótica de uma colonização de exploração fortemente estratificada e baseada na força dos povos conquistadores; grandes inclinações a uma religiosidade difusa, uma compreensão mágica da existência, um certo encantamento do mundo que inclui influências das principais etnias, desde que domesticadas pela linguagem cristã. Trata-se, pois, de uma sociedade estratificada, hierarquizada e preconceituosa, tendo sempre em vista, como elemento definidor, a cosmovisão das classes hegemônicas, especificamente das etnias colonizadoras.

Surge, assim, uma visão dualística de mundo já presente nos monoteísmos e para cá trazida pelos povos europeus cristãos mas que aqui foi exacerbada (não comparando com outros lugares geográficos); uma divisão do mundo entre as cosmovisões das etnias branca, de um lado, negras e indígenas de outro; deus e diabo; bem e mal que domina de forma simplória a cosmovisão da maior parcela da população.

O neopentecostalismo, em especial a IURD, como fenômeno cultural, está totalmente inserido neste contexto, sendo talvez mais fortemente neste percebido. Trata-se de uma religiosidade arcaica e pragmática que utiliza todos os elementos mais comuns desta sociedade sem nenhuma contestação mais profunda ou visão crítica que tenda a proporcionar alternativas às injustiças e relações de dominação, poder e opressão. É assim uma religiosidade fortemente vinculada às tendências mercadológicas simples, utilizando todos os elementos da cosmovisão da maior

parcela da população como forma de proselitismo, enfatizando elementos de alienação e preconceitos comuns à esta.

Nesta religiosidade a utilização de símbolos como portadores de conteúdo se fazem mais que nunca úteis, visto que tais símbolos já trazem em si todo um conteúdo cultural significativo, dentro dos pressupostos já mencionados anteriormente sobre a sociedade brasileira. São, pois, eficientes comunicantes de sentido já presentes no contexto cultural brasileiro e, portanto, eficazes meios de proselitismo. Na IURD tais símbolos abundam, sendo utilizados sem grandes explanações teóricas que os definam, uma sistematização teológica específica. O bem é representativo, considerado como os elementos mais comuns de uma sociedade capitalista de consumo. Em uma sociedade assim os produtos são fetichizados e representam certo status social que determina o grau de significância dos indivíduos. Os produtos não são apenas bens de necessidade básica, mas portadores de significados que definem a importância dos indivíduos e seus graus de relevância no escopo social. O mal é a antítese disto, ou seja, a miséria, as atitudes não aceitas socialmente (como por exemplo a homo afetividade), as doenças etc. Tais considerações são determinadas sob a ótica de dominação: o bom é o nosso e o mal é os outros. Unida de Vitória

Vale ressaltar a importância de tal estudo. O neopentecostalismo é um movimento que influenciou grandemente o pentecostalismo clássico, o protestantismo histórico e até mesmo a Igreja Católica Romana, depois do surgimento do movimento carismático, também chamado de Renovação Carismática Católica, que também, como via de mão dupla, oferece influência às igrejas pentecostais e protestantes, nas quais se encontram já o uso do termo “capela” para alguns de seus templos, por exemplo, fator jamais aceito antes da época mencionada.

É mais que sabido que o presente trabalho de forma alguma conclui o estudo; mal o introduz. No entanto, pode-se afirmar com segurança que os objetivos por este proposto, em especial de favorecer a aprendizagem deste campo de estudo e da sociedade brasileira ao concluinte do curso de mestrado profissionalizante em ciências das religiões, foram atingidos. A necessidade de estudos posteriores e aprofundamento das questões aqui levantadas fica explícita e patente.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Joy, 1960.
- ALMEIDA, Ronaldo. *A igreja universal e seus demônios*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 9ª ed. São Paulo: Graal, 2003.
- AQUINO, Jefferson Alves de. *Leibniz e a teodiceia: o problema do mal e da liberdade humana*. Doutorando em Filosofia. Fortaleza: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), s.d.
- ASSIS, Maristela Patrícia de. *O grito da liberdade: o hino batismal de Gl. 3.26-28*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 1/2, p. 11-19, jan./fev. 2009.
- AZEVEDO JUNIOR, Wilson Correa de. *Neopentecostalismo*. Projeto de doutorado em antropologia social, Museu Nacional – UFRJ, 1994.
- BARBOSA JUNIOR, Ademir. *Para conhecer o candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- BARRIO, Angel B. Espina. *Manual de antropologia cultural*. Recife: Massangana, s.d.
- BATISTA, Jefferson Alves. Revista saber eletrônico. *Reflexões sobre o conceito antropológico de cultura*. Ano 1, Vol. 1 Nov. / Jun. 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Galilée, 1991.
- BAUMAN, Zygmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENTO, Fábio Régio (organizador). *Cristianismo, humanismo e democracia*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 21.
- COLEÇÃO OS PENSADORES. *Max Weber*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

COSTA, Rovílio. *O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade*. Teocomunicação - PUCRS, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 586-600, dez. 2007.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: e outros textos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOSSIÊ IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS CORPORATION. Rio de Janeiro: CEDI, 1994.

DURANT, Will. *História da civilização: A Renascença*. 5ª Parte, 3º Tomo. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FALABRETTI, Ericson; OLIVEIRA, Jelson. *Filosofia: o livro das perguntas*. Curitiba: IESDE, 2011, p. 243-286.

FANFANI, Amintore. *Capitalismo, catolicismo, protestantismo*. Lisboa: Áster, 1968.

FOLHA UNIVERSAL. *Macumba, religião ou folclore?* Rio de Janeiro: Universal Produções, 14 set. 2005.

_____. *Libertação*. Universal Produções. Vol. 01, nº 01. Mar. 1995.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRESTON, Paul. *Protestantismo no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Campinas/Sp., 1993. Tese: Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

FUNARI, Pedro Paulo. *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam os seus deuses*. São Paulo: Contexto, s.d.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sagrado: o Cristianismo e a des-sacralização do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.

GAMBARO, Daniel. *Bourdieu, Baudrillard e Bauman: O Consumo Como Estratégia de Distinção*. Revista Novos Olhares. Vol. 01 nº. 01. p. 19-26. São Paulo: Brasiliense, jan/jul.1998.

GOMES, Edlaine de Campos (org.). *Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira*. Aparecida, Sp.: Ideias & Letras, 2009.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HAGIN, Kenneth. *Novos limiares da fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s. d.

HIRSHMAN, Albert O. *As paixões e os interesses - Argumentos Políticos para o Capitalismo Antes do seu Triunfo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O homem cordial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: 70, 2000.

IURD. *Manual do obreiro*. São Paulo: s.d.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo (1993). *Dicionário básico de filosofia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JARDILINO, José Rubens L. *Sindicato dos mágicos*. São Paulo: C.E.P.E, 1993.

JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do reino. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MACEDO, Edir. *Entrevista*. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 4, 01 dez. 95.

_____. *O cativo da teologia*. São Paulo: Universal Produções, s.d.

_____. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1982.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã (Feuerbach)*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MARX, Karl. *O Capital (Crítica da Economia Política)*. Livro 1: O processo de produção do capital. 7ª ed. DIFEL Difusão Editorial S.A., 1982. vol. 01.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste e o porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NASSER, Maria Celina Cabrera. *O uso de símbolos: sugestões para sala de aula*. São Paulo: Paulinas, 2016.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2ª ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1986.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *Conversão ou Adesão: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Proclama, 2004.

PANITCH, Leo Victor, GINDIM, Sam. *The making of global capitalism: the political economy of American empire*. New York: Versobooks, 1980.

PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicatos de Mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Assis: 2006. Tese: Departamento de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

RAWLS, John. *Uma Teoria Da Justiça*. São Paulo: Martins fontes, 2000.

REALE, Giovanni, Antiseri, Dario. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*. v. 03. São Paulo: Paulus, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.

RIBEIRO, Emílio Soares. *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*. Revista estudos semióticos. vol. 6, no 1, p. 46 –53. Jun. 2010.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus. 2016.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *O Diabo as Percepções do Mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SALATIEL, José Renato. *Pierce, Charles Sanders. Leis da Natureza*. São Paulo: Trilhas filosóficas: Ano III, número 2, p. 133-146. jul-dez, 2010.

SALES, Nívio Ramos. *Prova de fogo: o dia a dia de um terreiro de umbanda e candomblé*. São Paulo: Madras, 2012.

SAULNIER, C; Rolland, B.A *Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.

SCHIMIDT, Ervino; ALTMANN, Walter. *Inculturação e sincretismo*. Porto Alegre: CONIC-IEPG, 1995.

SCHUMPETER, Joseph A. *A teoria do desenvolvimento econômico*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1994.

STEIL, Carlos Alberto. *Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Organizadores). *O futuro da Religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*, p. 7-16. 2008.

THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TRINDADE, Diamantino Fernandes; LINARES, Ronaldo Antônio; COSTA, Wagner Veneziani. *Os Orixás na umbanda e no candomblé*. 3ª ed. São Paulo: Madras, 2013.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 416.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.

_____. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WOLFF, Elias. *Humanismo e religião*. São Paulo: Paulus, 2005.

WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo*. São Paulo: Bomtempo, 2003.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SITES:

7GRAUS. *Pomba-Gira*. Porto, s. d. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/pomba-gira/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

AQUINO, Felipe. *Por que a cruz é sinal do cristão?* São Paulo: Canção Nova, set. 2014. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2014/09/19/por-que-a-cruz-e-sinal-do-cristao/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

AZEVEDO, Marta Maria. *Índios no Brasil: quem são*. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao->>. Acesso em: 03 jun. 2016.

CHABAD. *A ordem de preparar o óleo para unção e o incenso*. Chabad – Lubavicht Media Center. Out. 2016. Disponível em: <http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/913199/jewish/A-Ordem-de-Preparar-o-leo-para-Uno-e-o-Incenso.htm>. Acesso em: 19 Out. 2016.

CHAMADA IMPACTANTE UNIVERSAL. *O óleo consagrado*. Rio de Janeiro: IURD, s.d. Disponível em: <<http://www.chamadaimpactanteuniversal.com.br/>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. *Pentecostalism*. 6ª ed. Columbia, 2014. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/topic/Pentecostalism>>. Acesso em: 05Jul. 2015.

CORREA, Claudio. *Ser umbandista: o descarrego*. Disponível em: <<http://serumbandista.blogspot.com.br/2011/04/o-descarrego.html>>. Acesso em: 19Out. 2016.

CRONOLOGIA DAS IGREJAS PROTESTANTES NO BRASIL. *Cronologia das igrejas protestantes no Brasil*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/.../Cronologia_das_igrejas_protestantes_no_Brasi...>. Acesso em: 08Jul. 2016.

F.I.E.T.R.E.C.A. *Exu Tranca Ruas*. Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <<http://www.exutrancaruas.com.br/trancaruas.html>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

FOLHA UNIVERSAL. *“Minha família ao pé da cruz” reúne multidão no Japão*. Universal Publicações. Ago. 2015. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2015/08/25/minha-familia-ao-pe-da-cruz-reune-multidao-no-japao-34019.html>>. Acesso em: 19Out. 2016.

_____. *Fogueira santa de Israel e do Monte Carmelo*. São Paulo: Universal.org. Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/11/18/a-fogueira-santa-de-israel-e-o-monte-carmelo-31470.html>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

_____. *Sacerdotes levam a Arca a Aliança para o Templo de Salomão*. São Paulo: Universal.org. Ago. 2014. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/08/01/sacerdotes-levam-a-arca-da-alianca-para-o-templo-de-salomao--30615.html>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

FREITAS, Julio. *8 Motivos para sacrificar*. São Paulo: 2016. Disponível em: <<http://juliofreitas.com/blog/8-motivos-para-sacrificar/>>. Acesso em: 03Ago. 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - Centro de Políticas Sociais -. *Novo Mapa das Religiões*. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Catolicismo_no_Brasil>. Acesso em: 06 Jul. 2015.

_____. *Retratos das Religiões no Brasil*. Disponível em: <www.cps.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm>. Acesso em: 6 Jul. 2016.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Programação iurdiana. Disponível em: <http://progamao_iurdsantamaria.blogspot.com.br/p/estudos.html>. Acesso em: 19 Out. 2016.

IURD TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwGizHCqvdk>>. Acesso em: 19 out. 2016.

JUNGLUT, Airton Luiz. *Deus e nós, o Diabo e os outros: a construção da identidade religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em:

〈http://www.academia.edu/865865/Deus_e_n%C3%B3s_o_diabo_e_os_outros_a_constru%C3%A7%C3%A3o_da_identidade_religiosa_da_Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

LUZ EM MINHA CASA – Canal da IURD no Youtube. *Lenço umedecido nas águas do Rio Jordão*. S.l. Jul. 2015. Disponível em: 〈<https://www.youtube.com/watch?v=Psea9AThjRM>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

LUZ EM MINHA CASA – Canal da IURD no Youtube. *Lenço umedecido nas águas do Rio Jordão*. S.l. Jul. 2015. Disponível em: 〈<https://www.youtube.com/watch?v=Psea9AThjRM>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

MAÇANEIRO, Marcial. *A água nas religiões*. São Paulo: GPER, s.d. Disponível em: <http://www.gper.com.br/newsletter/0737906da6ac3b58fe556c7b8aa3ac6d.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2016.

MACEDO, Edir. *Visão do altar*. Blog Universal. 11 de jul. 2015. Disponível em: <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/07/11/visao-do-altar/>. Acesso em: 19 Out. 2016.

_____. *Os 7 mandamentos do homem de Deus*. Universal.org. 05 de Mai. 2013. Disponível em: 〈<http://www.universal.org/noticia/2013/02/05/os-7-mandamentos-do-homem-de-deus-20607.html>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

MEDEIROS, Janaina. *A travessia do Rio Jordão*. Folha Universal, Universal Publicações, Set. 2016. Disponível em: 〈<http://www.universal.org/noticia/2016/09/04/a-travessia-do-rio-jordao-37657.html>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

MOTITSUKI, Oscar. *O maravilhoso poder da água benta*. S.l.: Arautos do Evangelho, 2013. Disponível em: 〈<http://www.arautos.org/artigo/94/O-maravilhoso-poder-da-agua-benta.html>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

PACKER, J. J. *Os Puritanos e o Dia do Senhor*. Resistência Protestante. 22 de Jan. 2016. S. l. Disponível em: 〈<http://resistenciaprotestante.blogspot.com.br/2016/01/os-puritanos-e-o-dia-do-senhor-ji-packer.html>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

PASSOS, Elizabeth Miriam N. *Cosme e Damião na Umbanda*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: 〈<http://umbandaestudo.blogspot.com.br/2008/09/cosme-e-damio-historia.html>〉. Acesso em: 20 Mar. 2016.

PROGRAMA DUELO DOS DEUSES (Ponto de Luz) do dia 10-12-2013 às 9h00 com o Bispo Guaracy Santos e Pastor Thiago Nobre na IURD TV. Disponível em: https://www.youtube.com/user/canal_iurdtvbr/search?query=banho+do+descarrego. Acesso em: 19 Out. 2016.

UNIVERSAL.ORG. *O Templo de Salomão*. São Paulo: Universal.org. s.d. Disponível em: 〈<http://sites.universal.org/templodesalomao/em-que-cremos/>〉. Acesso em: 19 Out. 2016.

VIDAL, Jeane. *O óleo que não pode faltar: entenda a importância desse elemento e o que ele representa na vida do cristão*. São Paulo: Universal.org. Mai. 2016. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2016/05/15/o-oleo-que-nao-pode-faltar-36558.html>. Acesso em: 19 Out. 2016.

